UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE LETRAS MODERNAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LÍNGUA E LITERATURA
ITALIANA

PAULA MONTELEONE ROBIN

**“Beatriz, musa de Dante Alighieri, com suas transfigurações
na *Vita Nova* e incursões na *Divina Comédia*”**

São Paulo
2010

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE LETRAS MODERNAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LÍNGUA E LITERATURA
ITALIANA

PAULA MONTELEONE ROBIN

**“Beatriz, musa de Dante Alighieri, com transfigurações na
Vita Nova e incursões na *Divina Comédia*”**

Dissertação apresentada ao Programa de
Pós-Graduação em Língua e Literatura Italiana
Do Departamento de Letras Modernas
da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas
da Universidade de São Paulo, para a obtenção do
Título de Mestre em Letras.

Orientador: Prof.^a Dr.^a Vilma De Katinszky Barreto
de Souza

São Paulo

2010

Autorizo a reprodução e divulgação total e parcial deste trabalho, por qualquer meio convencional ou eletrônico, para fins de estudo e pesquisa, desde que citada a fonte.

Catálogo de Publicação

FOLHA DE APROVAÇÃO

Nome: **ROBIN**, Paula Monteleone

Título: “Beatriz, musa de Dante Alighieri, com transfigurações na *Vita Nova* e incursões na *Divina Comédia*”

Dissertação apresentada ao Departamento de Letras Modernas da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo para obtenção do título de Mestre: Área de concentração: Língua e Literatura Italiana.

Aprovado em:

Banca Examinadora

Prof. Dr. _____ Instituição _____

Julgamento _____ Assinatura _____

Prof. Dr. _____ Instituição _____

Julgamento _____ Assinatura _____

Prof. Dr. _____ Instituição _____

Julgamento _____ Assinatura _____

DEDICATÓRIA

Ao meu marido Jean e aos meus filhos Luiza e Pedro, com amor e profunda gratidão pelo apoio e compreensão ao longo do período de elaboração deste trabalho.

AGRADECIMENTOS

À Prof.^a Dr.^a Vilma De Katinszky Barreto de Souza , que muito me ensinou e pela incansável orientação e comentários durante toda a elaboração do meu trabalho.

À Prof.^a Dr.^a Maria Cecília Casini ,que com compreensão e saber examinou o meu trabalho.

Aos colegas de grupo de estudos “Dante, poeta universal na Idade Média e nos tempos modernos”, com quem aprendi muito.

A Capes, pela bolsa de estudos concedida.

RESUMO

ROBIN, P.M. **Beatriz, musa de Dante Alighieri, com suas transfigurações na *Vita Nova* e incursões na *Divina Comédia***, 2010, Dissertação (Mestrado) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2010.

A presente pesquisa teve como objetivo o estudo da *Vita Nova* de Dante Alighieri, onde o Amor, as musas e outros personagens surgem da mitologia grega. Esse Amor pagão é cristianizado por Dante, que o transforma na figura de Deus. Beatriz passa a ser a Musa de Dante, que é chamada pelo poeta primeiro de *gentilissima*, depois *donna angelo*, santa, filósofa e teóloga. No *Convívio*, pode-se constatar a aproximação de sua deusa à sabedoria filosófica e teológica. Tudo isso se passa pela elaboração da poesia, bem como a *Divina Comédia*, que são, segundo o autor, alegorias. Foram feitas algumas incursões na *Divina Comédia* para confirmar tais configurações entrou-se em trechos do Purgatório e do Paraíso.

Palavras chaves: *Vita Nova*, *Convívio* e *Divina Comédia*; deus Amor, musa, transfiguração cristã, amor eterno e Paraíso.

ABSTRACT

ROBIN, P.M. **Beatriz, Dante Alighieri's muse, her transfigurations in 'The New Life' and incursions in 'The Divine Comedy'**, 2010, Dissertation (Master's Degree)
- Faculty of Philosophy and Humanities, University of São Paulo, São Paulo, 2010.

The purpose of this research was to study Dante Alighieri's *Vita Nova*, where Love, muses, and other characters emerge from the Greek mythology. This pagan love is christianized by Dante, who transforms it into the figure of God. Beatrice becomes Dante's muse, who is initially called by him as very gentle lady, then as *donna angelo* (woman-angel), saint, philosopher and theologian.

In *Convivio*, an approach between his goddess and a philosophical and theological wisdom can be observed. *Convivio*, as well as *The Divine Comedy*, are written in poetry and are both, according to the author, allegories.

Excerpts of Purgatory and Paradise, from *The Divine Comedy*, were perused in order to confirm such configurations of his muse.

Keywords: *Vita Nova*, *Convivio*, *Divine Comedy*, Love god, muse, Christian transfiguration, eternal love and Paradise.

ABREVIACES

Para as obras citadas de Dante Alighieri:

D.C. - *Divina Comédia*

Conv. - *Convívio*

V.N. - *Vita Nova*

Para as partes da *Divina Comédia*:

Inf. – Inferno

Purg. - Purgatório

Par. - Paraiso

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	11
1. A JOVEM BEATRIZ MUSA DE DANTE	15
1.1. Beatriz histórica	15
1.2. Por que chamar Beatriz de musa?	15
2. DANTE E SUA ÉPOCA	19
2.1. Florença comunal	19
2.2. Dante e sua formação	22
2.3. A ligação das poéticas medievais ao <i>Dolce stil novo</i>	25
3. A VITA NOVA DE DANTE	39
3.1. O que é a <i>Vita Nova</i>	39
3.2. Comentários dos principais poemas da <i>Vita Nova</i>	45
3.3. Considerações finais sobre a importância de Beatriz na <i>Vita Nova</i>	53
4. BEATRIZ NO PURGATÓRIO E NO PARAÍSO	56
4.1. Incursões de Beatriz no Purgatório como guia e filósofa	56
4.2. Incursões no Paraíso celeste e a santidade de Beatriz	62
CONCLUSÃO	71
TRADUÇÕES UTILIZADAS	73
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	73

INTRODUÇÃO

Declarações de Dante de que seu poema é uma alegoria confirmam-se em passagens fundamentais das transfigurações da sua *gentilíssima* ¹, ou seja, Beatriz convertida em anjo e, finalmente em santidade. Como tal Beatriz atravessa a *Divina Comédia* recriando-se, transformando-se em sua *gentilissima e donna angelo*. ²

É ela ainda, como musa de Dante no *Stil Novo*, não só a força motriz para a difusão e a fortuna da nova manifestação literária, mas ainda o foco fundamental de uma história que nos leva ao conhecimento e aprofundamento da sua divinização no Paraíso Celestial.

Beatriz foi a grande inspiração da infância e juventude de Dante, que, por meio de sua excepcional obra alegórica que é a *Divina Comédia*, revela a importância do papel feminino de sua musa como motivo catalisador da filosofia e teologia elevadas a doutrinas essenciais à conquista do Paraíso celestial.

Beatriz torna-se a musa da *Vita Nova*, um *pequeno livro, ou libello*, segundo o autor, em que ele se inspira, sobretudo, na memória da sua infância e juventude, motivo pelo qual é chamado livro da memória e consagrado ao deus pagão “Amor”: ou seja, nas suas visões, Dante sonha com sua musa, apesar de ser ela fruto de sua mente, como ele próprio declara.

O tema fundamental está inteiramente centrado na figura da *donna gentile*, isto é, na mulher do *stil novo* e na figura metafísica da filosofia teológica da *Divina Comédia*.

¹ Nobre

² Mulher Anjo

Será feito um comentário sobre a origem da palavra musa dentro da história da mitologia grego-romana.

Na mitologia, a musa preenche a existência de seus eleitos, ilumina-os com clareza de espírito e enche-os de todas as graças de que eles necessitam. É a inspiração do poeta.

Inicialmente, o amor de Dante por Beatriz segue o cânone do amor cristão e o poeta escreve sobre a doçura de seu olhar, a beleza de seu rosto, a graça e a humildade de seus gestos; este amor adquire, posteriormente, um significado diferente, não mais ligado à realidade terrena.

A *Vita Nova* é a primeira obra orgânica do poeta e diz respeito ao amor de Dante por Beatriz nascido desde o primeiro encontro.

Segundo escreve o próprio poeta, ele conheceu Beatriz com a idade de nove anos e torna a vê-la nove anos mais tarde; este número identificaria o milagre, pois representa a perfeição por ser o múltiplo de três como na Santíssima Trindade onde Padre, Filho e Espírito Santo, reunidos, formam um só ser, Deus.

Os eventos descritos na *Vita Nova* são carregados de um forte significado simbólico.

O amor por Beatriz não é algo terreno, já que se reveste de uma visão beatífica.

No primeiro encontro (cap. II), Beatriz aparece vestida com a cor vermelha, símbolo de honestidade, assim como o adjetivo humilde, nesta passagem, significa modesto e honesto e tem o valor de digno.

Com o soneto *Tanto gentile e tanto onesta pare*,³ Dante descreve os efeitos provocados por Beatriz nas pessoas que a observam. Esse efeito é típico da *donna angelo* do *Dolce Stil Novo*.

³ Tão nobre e digna de honra aparece

Com a morte de Beatriz, Dante supera definitivamente o *stilnovismo*, pois o amor pela mulher se transforma em amor a Deus. Beatriz está no céu e o poeta chora a perda da sua amada. Na *Vita Nova*, Beatriz apresenta a suavidade da juventude, tanto que Dante a chama de *angiola giovanissima*,⁴ por considerá-la um objeto de contemplação.

No início da *Divina Comédia*, é retomada a conclusão da *Vita Nova*. Após a morte de Beatriz, Dante encontra-se mergulhado em uma crise espiritual e poética e se perde em uma selva escura que corresponde à alegoria do pecado.

Beatriz, não mais figura humana, mas angelical, dará início ao processo de salvação do poeta e da recuperação da própria identidade. Ela desce ao limbo e convida o poeta Virgílio, do qual Dante teria herdado *lo bello stilo - o estilo elevado das grandes líricas* - para ser o guia do poeta apenas no Inferno e no Purgatório, pois não poderá acompanhá-lo ao Paraíso por sua incredulidade no Ser Supremo – Deus. Beatriz, depois de santificada, recebe no Paraíso celestial a incumbência de guiar o poeta à salvação, desde a floresta em que Dante ia se perdendo.

No Paraíso a guia do poeta será, portanto, Beatriz que apresenta ainda características do *Dolce Stil Novo* como se pode constatar, quando Virgílio diz no canto II do Inferno que brilhava o seu olhar mais que estrela.⁵

A sua função não é ainda a de salvadora, mas o amor por Beatriz ajuda Dante a amadurecer e elevar-se a Deus. Beatriz e suas explicações filosóficas das coisas divinas tornam-na uma teóloga.

No Paraíso terrestre, quando expiados alguns dos seus pecados, Dante encontra Beatriz pela primeira vez. Ela aparece entre cantos angelicais e envolvida por uma nuvem de flores.

⁴ Juveníssimo anjo

⁵ *Lucevan li occhi suoi più che la stella*. Tradução de Vasco Graça Moura. “A Divina Comédia”. São Paulo, Editora Landmark, 2005.

O poeta percebe nela o amor de sua juventude, fica perturbado e, quando se vira para procurar Virgílio, percebe que ele o abandonou e chora. Dante, após completar o ritual da purificação nos rios Letes e Eunoé, está preparado para acompanhar Beatriz ao Paraíso celestial

Depois de subirem os nove círculos celestiais, eles chegam ao empíreo.

Beatriz alcança a Cândida Rosa e é substituída por São Bernardo de Chiaravalle, que será o novo guia de Dante a ajudá-lo a percorrer a última parte da sua viagem e chegar próximo a Deus; pois, para contemplá-Lo, não basta somente a teologia, isto é, Beatriz, mas ainda a contemplação e a graça da Virgem Maria.

Beatriz transforma-se no símbolo da teologia e da fé, pois somente ela pode revelar a Dante e à humanidade, o mistério de Deus.

São Bernardo mostra-lhe Beatriz sentada entre os santos na Cândida rosa e é nesse momento que Dante lhe dá o último comovido olhar.

1. A JOVEM BEATRIZ MUSA DE DANTE.

1.1. Beatriz histórica

Grande parte das rimas juvenis de Dante foi dedicada a exaltar Beatriz que, conforme a tradição, era filha de Folco Portinari, mulher de Simone Bardi, morta aos 24 anos, em 1290.

Beatriz foi a mulher que o poeta idealizou durante toda a sua experiência amorosa na juventude; quando a conheceu, em uma segunda etapa segue a sua transfiguração de mulher amada que se torna sua protetora e guia no Paraíso e fim do Purgatório, ilustrados na *D.C.* em direção ao caminho que leva ao Paraíso.

O nome ‘Beatrice’ é a forma italiana de beatrix que vem do latim *beatum* e *trix* = “que traz felicidade”. É uma expressão atribuída à Virgem Maria, é aquela que abençoa.

1.2. Por que chamar Beatriz de musa?

Há uma aproximação muito grande entre paganismo e religião cristã que nasce como fruto da vinda de Cristo.

De todas as antigas divindades gregas, as musas sobrevivem nas culturas européias modernas e são indispensáveis na definição do reino dos sons. (Otto, 2005, p. 25); elas determinavam a essência da religião e da visão do mundo grego e foram divindades dignas de alta adoração.

As Musas eram filhas de Zeus e Mnemosyne, cujo significado é memória. Mnemosyne casou-se com Zeus e suas núpcias foram celebradas nos mais altos cumes

do Olimpio; ela deu à luz nove filhas (Calíope, Clio, Érato, Euterpe, Melpômene, Polímnia, Talia, Terpsícore e Urânia), como resultado de sua união com Zeus por nove noites.

As musas, por isso, constituem uma unidade concluída e no que diz respeito a sua multiplicidade, sabe-se que no fundo constituem uma única musa.

Os poemas homéricos iniciam-se com a evocação da musa que mais tarde será considerada a divindade múltipla e singular. Elas não são muitas, formam um grupo de três, que é a raiz quadrada de nove. Três representa a Santíssima Trindade que por sua vez é o Deus Uno.

Veneradas no monte Elicon, em Sikyon e em Delphi, por habitantes do monte Olimpo, das montanhas, dos rios e das fontes, elas entretinham os deuses com seus coros e danças.

Foram muitos os lugares de culto às musas. Thepsia foi uma cidade importante até a época romana e significava “aqueles que falavam divinamente”.

Além da arte presidiam o pensamento sob todas as suas formas: eloquência, persuasão, sabedoria, história, matemática, astronomia; diziam aos reis as palavras necessárias para o apaziguamento das querelas e o estabelecimento de paz entre os homens.

Originário da Trácia, onde está seu mais antigo santuário, o culto das musas estendeu-se para a Beócia, adquirindo maior importância em torno do Helicão. Em Delfos eram veneradas no templo de Apolo. Em homenagem a elas, em Atenas, eram feitas libações de leite, mel e água. Representavam-nas como mulheres de rosto sorridente ou preocupado, com vestidos folgados e mantos.

A musa é a personificação da deusa da memória ou a raiz da lembrança (memini = lembrar), filha do Céu e da Terra.

O nome pode ter o significado de conselheira; é fruto exclusivo do povo grego e, como alma do reino olímpico, nela se revela o significado de canto e palavra.

Diz a Odisséia: “os poetas gozam de máxima veneração e respeito porque a musa ensinou-lhes o canto e tem como querida a estirpe dos poetas”. ⁶

O poeta é aquele que escuta a musa e com base nesta experiência é também aquele que fala. A sua relação com o divino que o inspirou é exatamente aquela que a visão cristã figurou, distinguiu como própria da escuta de profeta. Assim entendemos porque o canto é chamado divino e imortal e a palavra poética imortal.

Na qualidade de deusas, as Musas preenchem a existência dos seus eleitos, iluminando-os com clareza de espírito e os enchem de todas as graças que necessitam.

Cantor e poeta dependem completamente da deusa musa. “Desça a mim, Musa, do seu refúgio celeste!”, invoca Saffo. ⁷

Sem a sua presença o poeta não é capaz de nada.

Os poetas frequentemente demonstram que a palavra não nasce só deles, mas é como se falassem por meio de algo superior. Assim Dante diz de si mesmo no Purgatório (XXIV, 52):

*I' mi son un che, quando
Amor mi spira, noto e a quel modo
Ch'e' ditta dentro vo significando.* ⁸

A musa é o canto. O cantor mortal é um ouvinte, pois ele recebe a voz, mas é a musa que canta na sua voz. O canto e a palavra têm significado divino, ou seja, é a

⁶ “i poeti godono della massima venerazione e di rispetto, perché la musa ha insegnato loro il canto e ha cara la stirpe dei poeti”

⁷ “Scendi a me, musa, dal tuo rifugio celeste!” (Otto, 2005, p.36)

⁸ “Eu sou aquele que, quando/ o Amor me inspira, tudo, exatamente,/transcrevo que em minha alma vai ditando.” tradução de Cristiano Martins

revelação da essência das coisas. Sem o canto a criação e o mundo não seriam completos.

As musas cantam, falam e também dançam.

Diz Píndaro: “Cegos são os pensamentos dos homens quando procuram o caminho com os artifícios da inteligência, mas sem as musas”. Mas quando o homem prossegue com o espírito grego, ou seja, acompanhado das musas, as palavras não são provocadas somente pela experiência vivida ou pelo sentimento, mas com o canto da deusa: a abertura do mundo e do divino.

Dante escolhe o poeta pagão Virgílio como seu guia e usa as musas, presentes em toda *D.C.*, e Apolo, evocado no Purgatório e Paraíso, como fonte de inspiração da sua poesia.

Na *D.C.* em várias passagens as musas são invocadas diretamente, por exemplo, em *Inf.* II, 7 e *Purg.* I, 8, ou citadas, por exemplo, *nutrici nostre* (*Purg.*, XXIII), *sacrosante vergini* (*Purg.*, XXIX), *le suore di Polimnia* (*Par.*, XXIII), *sante* (*Par.*, I), *nove* (*Par.*, II). Elas são invocadas por Dante como animadoras de seus versos: mas a ajuda para o último e mais alto trabalho, o Paraíso, deverá vir da própria fonte divina da poesia, de Apolo. (*Par.*, I, 13)

2. DANTE E SUA ÉPOCA

2.1. Florença comunal

A Idade Média Italiana caracterizou-se pela luta entre Guelfos e Gibelinos, lutas entre antigos habitantes da Península e os conquistadores germânicos. O período mais intenso da luta foi o duelo pessoal entre Gregório VII e Henrique IV.

Na Itália, durante a luta entre o Papado e Império, nos séculos XII e XIII, as cruzadas marcaram a supremacia do primeiro sobre o segundo, apesar da decadência de ambos. Imperadores e senhores foram arrastados pelo fanatismo religioso dominante entre os povos.

A política nas cidades representava os interesses das famílias. A família de Dante pertencia a uma facção política conhecida como guelfos, representada pela baixa nobreza e pelo clero, que fazia oposição ao partido conhecido como o dos Gibelinos, representante da alta nobreza e do poder imperial

Com Federico II acaba a luta. Guelfos e Gibelinos, partidários do Império Romano contra o Papado, transformam-se em populares e burgueses e aristocratas, dividem as cidades italianas por muito tempo e provocam lutas sangrentas.

Outro fator importante da época foi a formação das cidades livres chamadas Comunas que, a princípio, enfrentam imperadores, feudatários, leigos ou religiosos, condes ou bispos.

Os aristocratas, os grandes proprietários de terras e de casas, eram os detentores dos antigos privilégios que impediam o desenvolvimento da nascente burguesia. Surgiu, portanto, na Itália do sec. XI, uma sociedade que se desenvolveu rapidamente durante as cruzadas; foi uma época marcada pela ausência de senhores feudais, pela luta de povos reivindicadores de seus direitos e pela criação de governos livres.

Florença começa a desfrutar dessas discórdias, pois tais grupos acabaram por enfraquecer os dois lados e desde o início os florentinos declararam-se favoráveis aos Guelfos, mas nunca declararam oposição ao Império. Com isso a Toscana conseguiu ampliar os seus domínios.

Os feudatários, indignados com a nascente burguesia comercial e industrial, abandonaram a cidade e se refugiaram em castelos bem guardados e tentaram impedir o estabelecimento da nova ordem econômica, roubando os que por ali passassem. O povo em reposta às perseguições começou a assaltar os castelos e a destruí-los. Aos castelões não restou outra alternativa a não ser a sua volta à cidade e submeter-se às leis locais.

Florença fortalece-se e consegue resistir às intimidações de Federico II. A vitória sobre os senhores feudais acarretou a liberdade no comércio, apesar de surgirem novas discórdias e lutas internas.

A cidade foi dividida em zonas, mas o povo preferiu a unificação.

Surgem as corporações que hoje corresponderiam grosso modo a sindicatos. Para participar da vida política da cidade era necessário estar inscrito em uma das sete artes maiores, a saber: juízes e tabeliães, trabalhadores de fazendas estrangeiras, trabalhadores de lã e seda, banqueiros e agentes de câmbio, médicos e farmacêuticos, aos quais se juntaram os pintores. O antigo regimento dos cônsules foi substituído em 1207 pelo poder executivo (representado pelo *podestà*) que era eleito pelo povo.

O próprio Dante teve que se inscrever na corporação dos médicos e farmacêuticos, podendo assim disputar as eleições em Florença.

Em 1240 intensificaram-se as lutas entre partidários do Papa e do Imperador, entre Gregório IX e Frederico II. Em 1248 estas lutas transformaram-se em guerras, momento em que os Gibelinos, auxiliados por Frederico II, vencem os Guelfos e obrigam-nos ao exílio.

Com a morte de Federico II, em 1250, o partido Gibelino se enfraquece, e torna possível a volta, a Florença, dos Guelfos que recuperam a supremacia, mas Gibelinos, chefiados por Farinata e auxiliados por Manfredi, sucessor de Federico II, vencem os Guelfos em toda a Toscana na Batalha de Montaperti.

Graças à intervenção do povo reunido nas suas sete artes, Florença não foi destruída. A sociedade entendeu que, somente sobrepondo-se à violência e enfraquecendo o poder dos aristocratas, poderia salvar a cidade e consequentemente a si mesmos.

Graças às sete artes, iludindo e frustrando as tentativas e os assaltos das famílias dos Uberti, chefe dos Gibelinos, Florença ganha uma nova organização cuja característica principal foi a de um novo poder encarregado de organizar companhias de milicianos, dar-lhes instrução militar e bandeira própria.

Florença pôde então conquistar novas terras e castelos, estendendo o seu domínio até o mar e a cidade se enriqueceu com numerosos e imponentes edifícios públicos.

Em 1282 modificou-se outra vez a organização política, agora mais popular e democrática, definindo que o governo fosse confiado aos representantes das artes.

Dante foi eleito em 1300, um dos seis priores do Conselho da Cidade. A maior parte do poder em Florença estava nas mãos dos Guelfos que, na ocasião, acabaram se dividindo. O motivo foi uma rixa entre famílias da cidade de Pistóia.

Os Cancellieri formavam uma grande família Guelfa e descendentes do mesmo pai que tivera duas esposas. A família se dividiu quando um familiar assassinou o tio e cortou a mão do primo. Os descendentes da primeira esposa do Cancellieri, Bianca, se autodenominaram *bianchi* (brancos). Os rivais que defendiam o jovem assassino se apelidaram *neri* (negros). A briga tomou conta da cidade e Florença precisou intervir.

Mesmo assim a contenda espalhou-se pela cidade. Logo em seguida os partidos tomaram posição política. Os Guelfos brancos eram moderados e respeitavam o papado, mas se opunham à sua interferência na política da cidade. Por sua vez, os Guelfos negros eram mais radicais, defendiam o apoio papal contra as ambições do imperador que era apoiado pelos Gibelinos.

Os priores de Florença, entre eles Dante, viviam em constante conflito com a igreja de Roma que, sob o governo do papa Bonifácio VIII, pretendia colocar a Itália sob a ditadura da igreja. Bonifácio ameaçou excomungar os priores quando foram se queixar da interferência da igreja na política local.

No mandato de Dante, a briga entre brancos e negros intensificou-se e ele viu-se obrigado a ordenar o exílio dos líderes de ambos os partidos para que a ordem voltasse à cidade. Foi nesse momento que incluiu entre os exilados o seu melhor amigo Guido Cavalcanti e um parente da família Donati à qual pertencia sua esposa.

O papa decide então enviar Carlo de Valois como pacificador para acabar com o conflito entre os partidos. Mas não foi bem uma ajuda e sim um golpe dos negros para tomarem o poder e exilarem vários brancos. Pesaram sobre Dante muitas acusações e ele foi banido da cidade por dois anos e obrigado a pagar uma multa muito alta.

2.2. Dante e sua formação

Dante Alighieri nasceu em Florença em maio de 1265, filho de *Alighiero di Bellincione d'Alighiero* e de *Bella*.

Pouco antes de 1293, Dante se casa com Gemma de Manetto Donati, pertencente a uma das mais ilustres famílias guelfas de Florença. Desta união nascem os filhos Pietro, Jacopo e Antonia (que se tornou freira com o nome de Beatriz) e talvez um quarto filho, Giovanni.

Numerosos eventos da história florentina, italiana e européia do século XIII ficaram impressos para sempre em Dante.

Nessa época, Florença era um forte centro de cultura, aberta às experiências italianas, provençais, francesas; era também uma comuna autônoma e uma das cidades mais populosas (90 mil habitantes) e ricas da Europa ocidental, talvez por força de seus bancos, de seu comércio e de suas indústrias.

Era uma cidade também muito evoluída, imagina-se que dez mil crianças frequentassem as escolas primárias para o aprendizado da leitura, escrita e contas. Não existia ainda uma Universidade e sim cursos de Teologia e de Filosofia com dominicanos do convento de Santa Maria Novella e com franciscanos do convento de Santa Croce.

Segundo Petrocchi (2004, pg 4) o trâmite maior da presença da história em Dante não é tanto o transcorrer dos eventos, mas sim a “história contada” da tradição dos eventos, como foi vivida pelos consanguíneos ou conhecidos, pelos homens de idade adulta (Brunetto Latini, para já citar o maior deles) ou filtrada nos relatos dos membros de outras linhagens.⁹

Outra fonte de notícias sobre a história florentina é o amigo Guido Cavalcanti cuja família teria vindo da França ou da Alemanha. A memória de Guido “transfere-se” àquela de Dante. A lembrança dos acontecimentos de 1248 e 1260 entra na rica bagagem das noções históricas do poeta.

O eixo da memória, da tradição da “história contada” é constituído por Bellincione Alighieri, avô do poeta, que espectador de toda a história florentina, assistiu a acontecimentos públicos e privados das diversas linhagens.

⁹ “Il tramite maggiore, il più suggestivo perché in qualche modo più sfuggente e avvolto nelle brume della memoria, è quello costituito dalla storia “orale”, dalla tradizione di eventi così com'erano stati vissuti dai consanguinei o conosciuti dagli uomini di alta alta età (Brunetto Latini, per citare subito l'esempio maggiore), o filtrati attraverso altri racconti di membri di altri casati.”

Não conheceu o bisavô Cacciaguida, mas herdou do pai o culto desse pequeno nobre que foi cavaleiro armado e morto heroicamente em batalha. Pela sua posição deve ter sido uma fonte de informações e assim, de tradição em tradição, o espírito de Dante se enche de mitos cultivados profundamente, porque atingiam as próprias raízes em todas as lembranças da infância. Tais figuras históricas e alegóricas tem forte impacto na produção poética de Dante.

Provavelmente Dante iniciou seus estudos nas escolas do convento franciscano de Santa Croce e aprofundou-os tendo como guia Brunetto Latini, escrivão, homem político e grande divulgador da cultura, seu primeiro mestre de estilo; ele deve ter representado também uma importante fonte de notícias e dados sobre a história européia em função da importante atividade diplomática que desempenhou por conta de Florença; conhecedor da realidade política de Castilha e da França, na qual viveu até a vitória dos guelfos em 1266, transmitiu a sua experiência provavelmente a Dante que conseguiu, graças ao seu mentor, consolidar a própria ambição de intelectual e de escritor.

Por volta de 1287, Dante também passou por Bolonha, na época um dos maiores centros de estudos jurídicos e de retórica.

O primeiro momento da formação de Dante se desenvolve em meio a uma multiplicidade de interesses e experiências. Nesse período funde-se o culto dos clássicos da Antiguidade, particularmente de Virgílio, com as obras de grandes pensadores contemporâneos, tais como Alberto Magno, Santo Tomás e São Bonaventura.

Suas leituras compreenderam obras provençais e francesas, lírica de amor e romances; cultivou a música, o desenho, o canto, a dança, exercitou-se nas armas e na cavalaria, praticou equitação, caça e o uso do arco. Estudou profundamente teologia, escolástica e admirou grandemente a patrística. A produção poética de Dante teve larga difusão em Florença e em outras partes. Vários trechos foram musicados.

Dante passou o seu exílio em Forlì, Verona, Arezzo, Veneza, Lucca e Pádua e talvez em Paris. Em 1315 voltou a Verona e dois anos depois a Ravenna.

Durante o exílio escreveu obras importantes em latim, incompletas, como *O De Vulgari Eloquentia* onde a intenção de Dante é ensinar a teoria da eloquência vulgar, ou seja, da arte de se expressar em língua vulgar italiana. Na obra, dirige-se aos eruditos e letrados do seu tempo e escreve em língua usual da época, ou seja, o latim.

Também incompleto ficou o *Convivio*, escrito em língua vulgar.

A palavra convívio significa banquete, a obra é um banquete de cultura, a emancipação intelectual, onde todas as pessoas estão convidadas. A obra foi concebida inicialmente como uma série de 14 *canzoni* e um livro de introdução. Dante escreveu somente a introdução, três *canzoni*.

Dante mostra que em sua obra é possível encontrar vários sentidos no que está escrito, ou seja, se fala literalmente do amor, pode ter um sentido doutrinário mais alto. Já no início, Dante expõe o verdadeiro sentido de suas *canzoni*.

Na *Monarchia* defendia a separação entre a igreja e o Estado. A elaboração da *Comédia* durou até a sua morte, em 1321.

Poucos anos antes da sua morte foi convidado a retornar a Florença, mas não aceitou. Morreu em Ravenna onde foi sepultado com honras.

2.3. A ligação das poéticas medievais ao *Dolce stil novo*.

Na região da Provença, no sul da França, desenvolveu-se uma poesia lírica prevalentemente amorosa, em língua d'oc, isto é o provençal. O provençal surge no seio de uma sociedade aristocrática e refinada, em um ambiente cortês e de cultura

elevada. Nessa poesia a amada é uma castelã à qual o poeta se submetia; o amor tinha mais caráter de servidão do que de paixão.

A característica principal da literatura provençal se manifesta nas líricas onde se pode notar que o sentimento muitas vezes é substituído por uma idéia menos retórica.

A composição característica da *art de trobar*, ou seja, da arte de poetar foi a canção, escrita com ritmos difíceis e com linguagem sofisticada. A *Canzone*,¹⁰ gênero originado justamente dos provençais, com Dante (e futuramente Petrarca) alcançará sua expressão máxima italiana, tendo passado pelos poetas século-toscanos ao *Stil Novo*.

A poesia provençal teve imensa importância histórica.

Na metade do século XII, com a cruzada contra os Albigenses, a mudança da hegemonia francesa e da sociedade feudal do sul da França modificou a cultura e a literatura pela qual a sociedade culta se expressava.

Foi nesse momento que a lírica provençal entra na Itália (Bernard de Ventadorn, Bertran de Born entre outros), onde se encontram rimadores especialistas na representação de seus sentimentos e pensamentos em língua provençal. Entre eles o mais conhecido é Sordello da Goito, citado por Dante no Purgatório (VI, 58).

A literatura cortês elabora um código refinado de “Leis do Amor” independente das bases religiosas que se afirmaram na corte de Federico II, imperador do Sacro Império Romano-Germânico (1220-1250), na Sicília, onde surgiu a primeira poesia em língua italiana. O amor cortês é um conceito europeu medieval de atitudes e comportamentos para enaltecer o amor.

A escola siciliana, ao tempo de Federico II é o primeiro movimento linguístico em língua vulgar italiana, cuja principal característica é ter se constituído da união da poesia popular e dos poetas sicilianos com o canto dos trovadores e menestrelis de

¹⁰ *Canzone*: inspirou muitos poetas célebres da Europa, em que Dante além da expressão trágica encontra a perfeita realização poética, uma composição de alto conteúdo e de estilo impecável.

origem provençal mais antiga, e tal língua refletir-se-á em Dante e nos seus companheiros, os poetas que iniciarão o *Dolce stil novo*.

A escola siciliana foi o centro da vida intelectual da época. Nem todos os poetas que participaram desse movimento eram funcionários da corte ou nascidos na Sicília.

Na realidade, foram chamados de sicilianos os poetas que em determinado período poetaram sob influência dos provençais, tentando elaborar uma linguagem lírica *dotta* (erudita) e refinada.

O convencionalismo na representação do amor é entendido como serviço e homenagem áulica, nobre, e a mulher é representada na sua perfeição, distante e abstrata; isso veio da influência trovadoresca.

Entre os poetas recordamos: Arrigo Testa, Jacopo Mostacci, Giacomino Pugliese, Guido e Oddo delle Colonne, Jacopo e Rinaldo D'Aquino, o próprio Federico II e o filho Enzo, o escrivão Jacopo da Lentini, Pier della Vigna e outros.

Não podemos deixar de citar Jacopo da Lentini que viveu no início do século XIII e esteve também a serviço da corte de Federico II.

No soneto endereçado a Jacopo Mostacci, Lentini define o desenvolvimento da história amorosa como paixão que nasce da visão da mulher e é alimentada no coração pela imaginação:

*Madonna, dire vi voglio
come l'Amore m'à preso;
inver lo grande orgoglio
che voi bella, mostrate, e' non m'aita
Oi lasso, lo me' core
ch'è ' n tanta pena miso,
che vede che si more
per ben amare, e tenelosi in vita.*¹¹

¹¹ Madonna, quero dizer-vos/ como o Amor me dominou/ efetivando o grande orgulho/ que vós bela, mostrais, e não me socorre/oh, infeliz, o meu coração/que sofre um castigo/que se vê que morre/ por amar muito, e agarrando-se à vida. “nossa tradução”

Escreviam poesias em siciliano em função do confronto com as duas línguas, o latim e o provençal. Aceitavam o conteúdo e a forma da poesia provençal, mas não se pode negar-lhes certa originalidade, pois na poesia siciliana notamos imagens e metáforas típicas da poesia árabe, que em Palermo tinha ainda fortes raízes. Esta influência árabe pode ser notada em documentos emitidos pela cúria ou em cartas particulares escritas por altos funcionários.

Os sicilianos operam um estilo mais uniforme que os provençais e com esses uma seleção de temas, reduzindo-os ao do amor cortês.

É importante salientar que a luta entre a Igreja e o Império, entre senhores feudais e burguesia, a fome de conhecimento, as profundas exigências de maior justiça social não fazem eco nessa poesia (Salinari, 1973, p. 42), ou seja, em relação aos temas, há praticamente uma preferência pelo do amor cortês.

A relação amorosa é apresentada de um ponto de vista feudal, na qual a mulher é o “senhor” e o amante é o seu vassalo. Este tem com a mulher uma relação de dedicação cavalheiresca e mantém guardado no seu coração o amor como um sentimento precioso que eleva a sua alma. O amor é fortemente conceituado e suas manifestações são estereotipadas e convencionais: a mulher é inalcançável.

O tema central da poesia provençal é o amar que quer dizer servir, *servitù d'amore*, que traz alegria e dor, em que o amante se submete, pois pensa que mais cedo ou mais tarde será recompensado. Outros temas explorados são: a distância e o sofrimento que ela comporta, o ciúme do amante ou do marido, o receio na manifestação do amor, a inveja, a alegria do amor, o choro pelo amor perdido, a primavera, a partida e o amor louvável.

Não é feita referência a lugar e tempo e, quando a realidade se apresenta, é de forma fabulosa e legendária, rica de significados e símbolos, como por exemplo, a

fênix, a salamandra que vive no fogo, o tigre que se encanta diante do espelho, o perfume da pantera, a ira do leão, o canto do cisne e assim por diante.

A dimensão aristocrática dessa experiência é identificada na escolha linguística, o siciliano poético, uma língua distante da falada e de alto nível retórico. Por esta característica e por ser falado prevalentemente por uma elite, o siciliano ilustre constitui o primeiro italiano. Com a morte de Manfredi, filho ilegítimo de Federico, em 1266, a escola siciliana perde sua força e transfere o seu legado para o toscano Guittone d'Arezzo e os seus discípulos; assim é fundada a escola toscana.

Guittone d'Arezzo nasceu por volta de 1230 e pouco se sabe sobre a sua formação intelectual. Encontramos numerosas cartas em língua vulgar, sonetos, e canções. Sua produção poética não apresenta mais os elementos reais, fantásticos e estilizados dos sicilianos, pois o seu gosto, a sua experiência e o ambiente ao qual se dirige, levam-no a uma espécie de realismo equilibrado.

Guittone não é um aristocrata, mas um burguês que vive e participa de uma realidade cotidiana muito mais aberta, inaugurando, portanto, a figura típica do intelectual comunal. Uma severa racionalidade marca a forma de poetar de Guittone d'Arezzo antes do *Stil novo*. Com Guittone começaram os primeiros indícios da formação de uma nova poética, não por inserir novos elementos na cultura tradicional, mas por introduzir uma técnica voltada ao gosto novo, lógico e discursivo (Salinari, 1973, p. 68), o *Stil novo*.

Dolce Stil Novo é a escola literária que se desenvolve no século XIII. É a corrente que marca a orientação e limites do gosto literário que durará além de Petrarca. Diferencia-se da produção anterior pela forma de poetar luminosa e simples.

A origem desta expressão encontra-se na *Divina Comédia*, de Dante Alighieri; no Purgatório (XXIV), Dante encontra o rimador luquês, Bonagiunta Orbicciani, que lhe indaga sobre a diferença entre os poetas século-toscanos e os *stilnovistas*.

Dante responde que estes escrevem, seguindo a direta inspiração do Amor puramente literário em que o verdadeiro e nobre sentimento pela mulher amada não está mais oculto.

Dante não quer dizer que os toscanos são mais sentimentais de qualquer ancestral, mas que são capazes de descrever as mudanças psicológicas que o Amor produz na pessoa que ama e de exprimir sentimentos de forma doce, ligados à gentileza do sentimento amoroso. Após ter entendido a explicação, Bonagiunta define a canção dantesca *Donne ch'avete intelletto d'amore*¹² com a expressão *dolce stil novo*.

Dante, muito jovem, dedicou-se à poesia; inicialmente seguiu módulos guitonianos, em seguida com amigos como Guido Cavalcanti, Guido Guinizelli, Brunetto Latini e Cino da Pistoia começa a se afirmar em Florença com a criação do *dolce stil novo*. Com o soneto *A ciascun'alma presa e gentil core*¹³ Dante conquistou a amizade de Guido Cavalcanti, expoente da antiga nobreza florentina considerado o mais culto e elegante rimador de Florença.

Guido Cavalcanti, nascido em Florença antes de 1259, de uma das mais ricas e poderosas famílias guelfas da cidade, participou ativamente da sua vida política. Encontramo-lo entre os membros do Conselho geral da Comuna ao lado de Brunetto Latini e Dino Compagni. O seu novo modo de poetar cantou em versos certa Giovanna e também Mandetta di Tolosa pela qual se apaixonou, durante a peregrinação feita a Santiago de Compostela.

Em 1300 foi exilado com os expoentes de duas facções que conturbavam a cidade; tal providência foi tomada pelos priores. Exilou-se em Sarzana e depois que voltou à pátria, morreu em agosto do mesmo ano.

Esta canção de Cavalcanti "*Donna me prega perch'io voglio dire*" é famosa.

¹² "Mulheres que possuem o intelecto de amor"

¹³ "A toda alma apaixonada e de coração nobre".

*Donna me prega, perch'io voglio dire
d'un accidente che sorvente è fero
ed è si altero ch'è chiamato amore:
sì che lo nega possa 'l ver sentire!
Ed a presente conoscente chero
perch'io no spero ch'om di basso core
a tal ragione porti canoscenza:
ché senza natural dimostramento
non ho talento di voler provare
là dove posa e chi lo fa creare
e qual sia sua vertute e sua potenza
l'essenza poi e ciascun suo movimento,
e 'l piacimento che 'l fa dire amare,
e s'omo per vedere lo pó mostrare.¹⁴*

Nesta canção desenvolvem-se oito teses sobre o amor: sede do amor (*là dove posa*), sua origem, virtude, potência, essência, efeitos, razão pela qual se chama amor e visibilidade.

Esta canção é a chave para compreender a poética e a poesia de Cavalcanti. Nela encontramos a teorização conseqüente do amor como paixão dos sentidos e a impossibilidade de alcançá-lo.

É a tentativa de fixar conceitualmente os aspectos fundamentais da sua experiência amorosa em contraponto à experiência tradicional.

O conceito básico da canção diz respeito à natureza do amor concebido como sensual e violento, mas nascido da visão do objeto amado e que oferece poucas alegrias, mas muita dor. E as conseqüências deste amor são: choro, medo e, enfim, a morte da inteligência e da alma.

¹⁴ “Senhora por favor, que eu quero dizer/ é essa a sua doçura/ porque eu não espero/a tal razão traga conhecimento/ que sem natural demonstração/ não tenho talento para poder provar/ lá aonde repousa e quem o cria/ e qualquer que seja a sua virtude e força/ e depois a essência e a cada movimento/ o desejo que significa o amor/ se sou capaz de ver sou capaz de mostrar.” “nossa tradução”

Entre muitas correspondências trocadas pelos poetas na época, Cavalcanti, por meio do soneto *Vedeste, al mio parere, onne valore*, responde à solicitação que Dante Alighieri faz no poema *A ciascu'alma presa*, onde o poeta descreve a visão de um sonho e pede para que os famosos trovadores da época julguem o que ele tinha visto.

Assim o poeta resposta a Dante:

*Vedeste a mio parere ogni valore
e tutto gioco e quanto bene om sente,
se foste in prova del signor valente,
che segnoreggia il mondo de l'onore.*

*Poi viva in parte, dove noia muore,
e tien ragion nel cassar de la mente,
sì va soave per sonno a la gente,
Che 'l cor ne porta senza far dolore.*

*Di voi lo cor ne portò, veggendo,
che la tua donna la morte cadea:
nodriala dello cor, di cio temendo.*

*Quando v'apparve che se 'n gia dolendo,
fu 'l dolce sonno ch'allor si compiea,
che 'l su contraro lo venia vincendo.*¹⁵

Começa assim a participar de um pequeno grupo de poetas inovadores que deram desenvolvimento a uma nova linguagem poética e iniciaram a grande poesia da Itália.

¹⁵ “Parece que viste o alto valor,/ Jogo jubiloso, e o mais que sente/quem faz a prova do Senhor valente,/ honra do mundo e seu dominador/ onde está, morre o tédio e o dissabor,/ no alcácer, onde rege, em nossa mente;/ vem suave, no sono, e a toda gente/ extrai o coração sem causar dor./ Levou-te o coração, mas o que via/ Era a morte, a rondar a tua dama:/ Do coração nutriu-a, pois temia/ A visão; e ao partir, quando sofria,/ Era o sono findando a doce trama/ que o seu contrário aos poucos vencia.” Tradução de Haroldo de Campos.

A formação desta nova inspiração poética, o *Dolce stil novo*, se dá com Dante e Guido Cavalcanti (Dante o chamará de o “primeiro dos seus amigos”), Lapo Gianni, Guido Guinizelli, Cino da Pistoia. Estabelece-se entre eles uma forte relação poética e de amizade.

A prova disso está na correspondência trocada entre eles e também no célebre soneto: *Guido, i' vorrei che tu e Lapo ed io*

*Guido, i' vorrei che tu e Lapo ed io
fossimo presi per incantamento,
e messi in un vassel, ch'ad ogni vento
per mare andasse al voler vostro e mio,*

*sì che fortuna ad altro tempo rio
non ci potesse dare impedimento
anzi, vivendo sempre in un talento,
di stare insieme crescesse 'l disio.*

*E monna Vanna e monna Lagia poi
con quella ch'è sul numer de le trenta
con noi ponesse il buono incantatore:*

*e qui ragionar sempre d'amore,
e ciascuna di lor fosse contenta,
sì come i' credo che saremmo noi.*¹⁶

¹⁶ “Guido, eu gostaria que você e Lapo e eu/ fôssemos presos por encanto/e colocados em uma pequena nave, que a cada/ vento por mar seguisse ao prazer/ vosso e meu,/ sim que tempestade ou outro tempo diverso/ não nos pudesse impedir/ pelo contrário, vivendo sempre em uma única/ vontade/ de estar juntos para aumentar o desejo./E madonna Giovanna e madonna Lagia/ com aquela que ocupa o trigésimo lugar/conosco colocasse o bom encantador:/ e aqui imaginar sempre o amor,/e cada uma delas fosse contente,/assim como creio que seremos nós”. “nossa tradução”

Segundo Luperini, (2002, p.121) Dante sofre influência de Guinizelli pela identificação do amor e nobreza, pela tendência de dar à mulher um caráter angelical e por alguns temas como o da saudação; no que diz respeito a Cavalcanti, pela teatralização do mundo interior confiada aos espíritos e ao alto.

O conjunto de poesias *Rimas* é o primeiro documento da formação cultural de Dante e do fervor dos seus interesses que se expressam na multiplicidade dos aspectos literários e estilísticos. Certifica-se hoje, como já foi indicado por Salinari, que por um lado Dante se aproxima dos tons dramáticos de Cavalcanti, (Salinari, 1973, p. 268) desprovidos da tensão original, por outro lado, expressa afetos mais tênues e estilizados, mais evasivos e musicais.

Na balada seguinte usa os adjetivos *gentile, umile, sottile, novelle* e os diminutivos *ghirlandette, paroletta*, etc até então pouco usados e que se tornam uma das primeiras características do *Stil Novo*. Vemos o amor, como sentimento, identificar-se com a natureza. Na terceira estrofe expressa afetos mais íntimos.

A amada é coroada pelo amor. Na quarta estrofe é preciso que a elevação de espírito faça honra a seu amante. Assim começa: *Per una ghirlandetta*

*Per una ghirlandetta
ch'io vidi, mi farà
sospirare ogni fiore.*

*I' vidi a voi, donna, portare
ghirlandetta di fior gentile,
e sovr'a lei vidi volare
un angiolel d'amore umile;
e 'n suo cantar sottile
dicea: "Chi mi vedrà
lauderà 'l mio signore".*

*Se io saró là dove sia
Fioretta mia bella a sentire,
allor dirò la donna mia
che port'in testa i miei sospire.
Ma per crescer disire
mia donna verràà
coronata da Amore.*

*Le parolette mie novelle,
che di fior fatto han ballata,
per leggiardia ci hanno tolt'elle
una vesta ch'altrui fu data:
peró siate pregata,
qual uomo a canterà,
che li facciate onore.¹⁷*

O tema central é que cada flor fará com que o poeta suspire de saudade por ter visto uma pequena *ghirlanda* na cabeça da sua amada, e é dedicada a Fioretta, que poderia ser a primeira *donna dello schermo*, ou seja, uma mulher que, posta no meio de uma linha reta imaginária, serve de abrigo para defender das demais pessoas os olhares dirigidos por Dante a Beatriz.

É importante lembrar que era costume das mulheres da época coroarem-se de flores, especialmente nas festas de maio.

Reafirmando, o *stil novo* era composto por um grupo de jovens, na maioria toscanos, que retomam a lição do bolonhês Guido Guinizelli, participante da escola poética de Guittone d'Arezzo, da qual se distanciou, elaborando um novo estilo para

¹⁷“Por uma pequena guirlanda/ que eu vi, me fará/suspirar cada flor./Eu vos vi, dama, levar/ pequenas guirlandas de flores corteses/ e sobre a senhora vi voar/ um anjo de humilde amor;/ e no seu canto melodioso/ dizia: “Quem me vir/ louvará o meu senhor”./Se eu estarei onde estará/
Fioretta minha bela a ouvir,/então direi á minha dama/que leve na mente os meus suspiros./
Mas para crescer o desejo/minha senhora viera/ coroada pelo Amor./
As minhas pequenas palavras novas,/ que de flores fizerem esta balada,/que para ornamento tiraram/
uma veste que a alguém foi dada:/ porém seja pregada,/qualquer homem que a cantará,/que lhe fará honra”. “nossa tradução”

reinterpretar a temática amorosa de forma científica e filosófica. Guinizelli é o pai reconhecido dos stilnovistas (Purg. XXIV).

Os dados biográficos de Guinizelli não são muito precisos, de qualquer forma é identificado como Guido Guinizello, nascido em Bolonha entre 1230 e 1240 e laureado em direito. Teria sido exilado em 1274 e morto em Monselice em 1276.

É o autor da canção considerada o manifesto do *Dolce Stil Novo*, ápice da poesia pré-Dantesca e um importante momento na construção da tradição literária italiana: *Al cor gentil rempaira sempre amore*.

*Al cor gentil rempaira sempre amore
come l'ausello in selva a la verdura;
né fe' amor anti che gentil core,
né gentil core anti ch'amor, natura:*

*ch'adesso con' fu 'l sole,
sì tosto lo splendore fu lucente,
né fu davanti 'l sole:
e prende amore in gentilezza loco
così propriamente
come calore in clarità di foco*¹⁸.

*...Donna, Deo mi dirà: "Che presumisti?",
siando l'alma mia a lui davanti.
"Lo ciel passasti e 'nfìn a Me venisti
E disti in vano amor Me per sembranti..."*¹⁹

Observa-se que se afirma o conceito de nobreza como dote de elevação espiritual muito mais do que o hereditário. Por conseguinte, a nobreza (gentileza, elevação) da alma é também a capacidade de amar.

Além disso, nesta fase a mulher é considerada uma criatura angelical, tendo como extraordinária virtude enobrecer a alma do homem.

¹⁸ "Ao coração gentil retorna Amor/ como o pássaro ao verde, na espessura;/ nem antes vem Amor, nem antepor/ se pode gentileza: é uma natura conatural; ao sol/ responde logo o resplendor luzente, nem antes houve sol;/e Amor na gentileza te demora/ assim, tão propriamente,/ como o fogo na chama acalora".

¹⁹ "... Senhora, Deus me dirá: "Que presumiste?/, o momento chegado, e eu diante/ d'Ele, através do céu, onde Ele existe:/ "Viste num vão amor o Meu semblante?"Tradução de Haroldo de Campos.

No entanto, esta imagem da figura feminina corre o risco de distanciar o poeta de Deus.

Assim, Guinizelli sente a necessidade de se justificar perante Deus que o interroga sobre o motivo pelo qual ele havia dirigido a um ser humano louvores e amor que somente a Ele deveriam convir.

Esta canção, se analisada conceitualmente, não traz nada de novo, pois não é novo o conceito de nobreza, não são novas as metáforas naturais já usadas pelos sicilianos e divulgadas Guinizelli e nem são novos os elementos da técnica da canção.

A canção, porém, quanto a Guittone e outros toscanos, não tem precedência porque reafirma o amor como único motivo de inspiração da poesia, excluindo os componentes religiosos e políticos. É original em relação aos sicilianos porque a identidade do amor e coração gentil é um conceito raciocinado que se torna o fulcro de uma poética nascente.

Um dos componentes principais do *Dolce stil novo* é a presença da contemplação, isto é, de um maior rigor intelectual, de uma capacidade superior de pensar sutilmente os conceitos, dando-lhes a força e a sublimidade dos sentidos e da imaginação criadora.

Os seguidores de Guinizelli foram Guido Cavalcanti, Lapo Gianni, Gianni Alfani, Cino da Pistoia e Dino Frescobaldi. O que mais se sobressaiu, porém, entre eles foi Dante que, em algumas rimas juvenis e na *Vita Nova*, aprofundou a análise psicológica do sentimento amoroso, característica principal do *Stil Novo*. Dante atribui aos poetas acima citados, com plena consciência crítica, a transformação do idioma vulgar em língua literária.

Entre os poetas menores encontramos Gianni Alfani, nascido em Florença por volta do séc. XIII e morto depois de 1328. Escrivão e amigo de Dante se apresenta com

menor destaque. Na sua canção os módulos de Cavalcanti e Guinizelli retornam, porém privados de tensão intelectual.

Lapo Gianni também foi outro poeta de valor, tabelião florentino, amigo de Dante e de Cavalcanti. Segundo Giulio Bertoni (1930, p. 262) embora Lapo escreva de forma monótona e obsoleta, na maioria das vezes, manifesta uma desenvoltura natural e encantadora no versejar.

Também o poeta Cino da Pistoia, nascido em Pistóia por volta de 1270, estudou Direito na Faculdade de Bologna. Voltou à cidade natal em 1300, mas foi expulso com os guelfos negros e retornou em 1306, como juiz, tendo tido muita notoriedade. Morreu em 1337.

Obteve muita fama com o cancionero escrito por amor a uma *Selvaggia*, talvez da família dos Vergiolesi.

Um aspecto positivo e novo de sua poética foi ter materializado os esquemas stilnovistas, embora os tenha tornado pesados e áridos. Na sua poesia, a análise psicológica é de real interesse por todos os movimentos da alma.

As características principais do *Dolce Stil Novo* são agora o canto da mulher que adquire uma dimensão espiritual superior, transforma-se quase em um anjo e esta mulher angelical é quem faz a ligação dos homens com Deus. Ela permanece pouco tempo na terra, morre jovem para alcançar a sua moradia celeste.

3. A *VITA NOVA* DE DANTE

3.1. O que é a *Vita Nova*

Na poesia da *Vita Nova* bem como na *D.C.*, perpassa um elemento de sacralidade fornecido pelo número nove, número celeste, de inspiração divina; é o número dos céus, segundo a concepção ptolemaica, por ser o quadrado de três, número trinitário da Santíssima Trindade.

Manifesta-se esta escolha na estrutura da poética de Dante como elemento trinitário dos versos, dos cantos e das “cânticas”.

Segundo Dante, o título *Vita Nova* refere-se a uma vida que começa depois da infância e antes da morte de Beatriz, ou seja, é o livro da juventude do poeta. Foi dedicado a Guido Cavalcanti e sua composição deve ser de 1293, escrito, portanto, não antes dos 28 anos do poeta.

Dante declara o desejo de extrair do “livro” da sua memória as recordações que dizem respeito à vida da sua alma renovada e iluminada pelo amor a Beatriz.

Após sua morte, para homenageá-la, sentiu necessidade de organizar 30 poemas nascidos da sua inspiração, interligando-os com uma narração em prosa, em 42 capítulos, onde relata não somente a ocasião em que se inspirou e os vários acontecimentos vivenciados, mas também o efeito que eles provocaram na sua alma.

Nasce assim a *V.N.*, a grande expressão do *Dolce stil novo* de Dante.

A sua estrutura pode ser considerada nova e original. Além de escrever em *terzine*, Dante escreve também *canzoni*.

Assim a *V.N.* corresponde à vida renovada deste amor. Dante cria definitivamente a figura que jamais se extinguirá de sua alma e de sua arte.

A Beatriz de *V.N.* é a grande musa de seu criador, por ele cristianizada numa figura inteira e absoluta de sua inspiração e da lembrança de sua juventude.

Em alguns capítulos do livro encontramos sua paixão extraordinária, resultante da memória e imaginação criadora (sensibilidade, sentimentos, emoções e visões) e é então que podemos ver em Beatriz a musa do poeta stilnovista.

O *libello*²⁰ adquire a mulher da sua mente, fruto da sua imaginação criadora que só existe no livro da sua memória e, sobretudo no palco dos seus sonhos, onde tudo se cria e se desenvolve, inclusive as visões, como o próprio poeta afirma.

Assim se esclarece seu desespero e sua paixão – Beatriz o acompanhará por toda a sua memória artística, cujo escopo é recriar sua musa e transformá-la até sua grande transfiguração, em sabedoria celestial e em sua dimensão filosófica e teológica, no Paraíso da *Divina Comédia*.

Se na *V.N.* ela se distancia da sua morte temporal, ela cresce na sua identificação da grande Musa do *Stil novo* que se enriquece e vive para sempre, antes de transformada em anjo no céu cristão, ora figura de amor e sabedoria cristã. Recria-se, portanto, pela memória, pela lembrança e a sua história se transforma em veneração nos sonhos do poeta, onde somente ela existe para inebriá-lo.

Na *V.N.*, Dante descreve os movimentos repentinos dos espíritos provocados pela presença ou ausência da mulher, ou seja, de Beatriz.

Cada estado psicofísico - exaltação, desprazer ou perda de consciência - é explicado como consequência direta da intensa agitação emocional em que a mente parece desligar-se do corpo.

Então surge um novo deus que dominará toda obra como protagonista: o Amor. Temos aí dois elementos pagãos, Musa e Amor, este dominará a alma do poeta,

²⁰ Livro da memória, a *Vita Nova*

começando a insuflar-lhe muita confiança (*sicurezza*) e domínio da força (*virtú*), condições necessárias a satisfazê-lo em tudo, segundo a sua imaginação.

Beatriz é a musa absoluta do poeta; a exaltação da sua figura chega ao ápice e conclui a *V.N* com um breve capítulo no qual promete não falar mais da sua *gentilissima* até que não possa dizer dela *quello che mai fue detto d'alcuna*.²¹

Na *V.N.*, o Amor, como a figuração cristã de todas as entidades, é cristianizado em Deus. O Amor é o personagem principal, aparece em letra maiúscula porque é um personagem figurado, o deus de Dante na *V. N.*, ao lado do Deus cristão, o que ressalta a aproximação do paganismo ao cristianismo.

Amor está presente em diversos momentos do livro. É a primeira figuração retórica de Dante que o concebe nas visões dos sonhos, todos profundamente originados da memória

Dante inicia a *V.N* com o proêmio: *In quella parte del libro de la mia memoria dinanzi a la quale poco si potrebbe leggere, si trova una rubrica: Incipit vita nova. Sotto la quale rubrica io trovo scritte le parole le quali è mio intendimento d'assemblare in questo libello: se non tutte, almeno la loro sentenza*.²²

No capítulo II, 1 o poeta descreve o primeiro encontro com Beatriz quando ele tinha nove anos, e escreve *quando agli miei occhi apparve prima la gloriosa donna de la mia mente, la quale fu chiamata da molti Beatrice li quali non sapeano che si chiamare*.²³ Muitos chamavam-na Beatriz sem sequer terem idéia que no seu nome existia o conceito de virtude.

Ela aparece vestida de vermelho humilde e honesta. Nesse momento o poeta afirma que o Amor tomou conta dele. Nove anos mais tarde, Beatriz cumprimenta Dante pela primeira vez (*nella ora nona di quel giorno*).

²¹ “o que nunca foi falado de alguma mulher”

²² “Naquela parte do livro de minha memória antes da qual pouco se poderia ler, encontra-se uma rubrica que diz *Incipit vita nova*. Sob a qual rubrica encontro escritas as palavras que é a minha intenção juntar neste livrinho; e se não todas, ao menos o seu sentido.” Tradução Vasco Graça Moura

²³ “Quando a meus olhos apareceu a gloriosa senhora da minha mente.”

A doçura de Beatriz é tanta que o poeta retira-se no seu quarto a pensar na sua gentilíssima e se adormenta. Aparece-lhe em sonho uma visão maravilhosa, uma névoa cor de fogo e dentro a figura de um senhor de temeroso aspecto. É Amor, que traz nos braços Beatriz e obriga-a a comer o coração do poeta. A alegria de Amor se transforma em pranto. Recolhe a mulher nos braços e com ela parece que se dirigem ao céu. Para conseguir entender o seu sonho, Dante dirige-se aos seus amigos poetas para que lhe dêem uma explicação. (V.N., III)

Aqui aparece a primeira manifestação stilnovista: “Ele (Amor) me comandava muitas vezes que eu o procurasse para ver este anjo”.

A Musa se transforma em *angiola giovanissima* quando na adolescência muitas vezes a procurava e a via com tão nobres e louváveis formas de conduta e pensava que poderia usar as palavras do poeta Homero: “*Ella non pareia figliuola d’uomo mortale, ma di deo*”²⁴ se bem que a sua imagem que continuamente estava com o poeta fosse ousadia do Amor, tão grande era a sua força que jamais tolerou que o Amor a conduzisse sem o fiel conselho da imaginação.

O poeta continua a contar o que se passou a seguir nos dias da aparição acima descrita, dessa gentilíssima - atribuição que pela primeira vez aparece na V.N. e só à Beatriz usa tal superlativo-

Dante esconde por um certo tempo o seu amor por Beatriz, fingindo que o objeto do seu interesse fosse uma outra senhora, para a qual escreve algumas rimas.

No mesmo período escreve uma lista com as 60 senhoras mais bonitas de Florença, entre as quais colocou Beatriz em nono lugar. (V.N., IV-VI).

A senhora que serve de abrigo do seu amor, parte de Florença e o poeta muito lamentoso escreve *Voi che per la via d’amor passate*²⁵; concomitantemente assiste ao

²⁴ “ela não parecia filha de homem mortal, mas de deus”

²⁵ “Vós que pela via do Amor passais”

funeral de uma jovem amiga de Beatriz e escreve *Piangete, amanti poi che piange Amore* (V.N., VII)²⁶ e *Morte Villana, di pietà nemica* (V.N., VIII).²⁷

Passados alguns dias, durante uma viagem, Amor aparece ao poeta vestido como um peregrino e sugere a Dante um outro nome de mulher para usar como abrigo do seu amor pela gentilíssima e escreve *Cavalcando l'altrier per un cammino*.²⁸

Esse fato fez com que Dante fosse mal visto por algumas pessoas de Florença e que Beatriz negasse a saudação. Privado da doçura da sua *gentilissima* vai para o seu quarto na nona hora do dia, adormece e sonha que Amor pede para que escreva algo que confirme a Beatriz a sua fidelidade, então surge *I'voi che tu ritrovi Amore* (V.N., XII)²⁹

Declara em *Tutti i miei pensier parlan d'Amore*³⁰ que está sempre envolvido com pensamentos sobre o Amor (V.N., XIII)

Em uma reunião de nobres senhoras encontra Beatriz, o que causa ao poeta muito embaraço e as senhoras presentes, percebendo o seu estado, riem dele, assim Dante retira-se a dirige-se a seu quarto onde escreve sobre o seu estado psicológico. (V.N., XIII, XVI).

Depois de perder a saudação da sua *gentilissima*, Dante escreve sonetos de louvor a ela como *Donne che avete intelletto d'amore* e *Ne li occhi porta la mia donna Amore* (V.N., XIX, XXI).³¹

O pai de Beatriz morre e em seguida Dante adoece gravemente por nove dias.

O poeta tem uma visão que anuncia a morte de Beatriz e depois com a saúde recuperada escreve *Donna pietosa e di novella etate* (V.N., XXIII).³²

²⁶ “Chorais amantes, pois que chora Amor”

²⁷ “Morte Vilã, da piedade inimiga”

²⁸ “Cavalcando anteontem por uma estrada”

²⁹ “Quero que você encontre Amor”

³⁰ “Todos os meus pensamentos falam de Amor”

³¹ “Senhoras que entendeis de Amor” e “Nos olhos traz minha senhora Amor”

³² “Piedosa senhora de tão pouca idade”

Um ponto importante é quando Dante descreve os efeitos benéficos produzidos pela aparição e pela saudação de Beatriz às pessoas que a vêem e principalmente a ele; escreve assim *Tanto gentile e tanto onesta pare* (V.N., XXVI).

Depois de estabelecer as várias relações que ligam Beatriz ao número nove (V.N.,XXIX) volta a falar sobre a morte da sua *gentilissima* (V.N., XXXI).

Confortado na sua dor por uma *gentile donna*, Dante percebe com surpresa que começa a esquecer Beatriz. Um certo dia, lembrando como encontrou a sua gloriosa Beatriz pela primeira vez, Dante se envergonha e arrepende-se. A partir daí dedica-se ao culto único dela com *Lasso! Per forza di molti sospiri* (V.N., XXXV).³³

Enfim, depois de escrever o soneto *Oltre la spera che più larga gira* (V.N., XLI)³⁴ o poeta tem uma *mirabile visione* e em seguida se propõem a não falar mais de Beatriz enquanto não puder “Dizer dela o que nunca foi falado de alguma mulher” (V.N., XLII).³⁵

Torna a vê-la nove anos mais tarde. Nova aparição da figura “musaica”; vestida de branco, junto a duas senhoras amigas, *gentili donne*, de mais idade e passando por um caminho voltou a olhar para onde ele estava paralisado e o cumprimentou. Foi a primeira vez que Beatriz dirigiu a palavra a Dante e como ele próprio escreveu “ aquela foi a primeira vez que as palavras de Beatriz chegaram ao seu ouvido.”³⁶

O gesto de Beatriz torna Dante inebriado ao ponto de deixar as pessoas com as quais estava para retirar-se no seu quarto, pondo-se a pensar na cortesíssima. Ali começa a caminhada da musa, quando um suave sino lhe traz a maravilhosa visão, visão onírica dos módulos do *dolce stil novo* que aparecerá muitas vezes em Dante.

Nesse momento ele sabe que Beatriz está morta e já se encontra no céu.

³³ “Ai, que força de tanto suspirar”

³⁴ “Além da espere que mais larga gira”

³⁵ “Dir di lei quello che mai fu detto d’alcuna”.

³⁶ “quella fu la prima volta che le sue parole si mossero per venire a li miei orecchi” (V.N. III,2)

3.2. Comentários dos principais poemas da *Vita Nova*

No terceiro soneto (V.N., III), Dante conta que se passaram nove anos da primeira aparição da sua *gentilissima*. Por uma rua, ela vem vestida de branco e, com outras duas senhoras mais velhas que ela, cumprimenta-o muito virtuosamente.

O poeta, inebriado com a saudação parte e vai ao seu quarto a meditar na sua *gentilissima*. Pensando nela, ele adormece e tem a primeira visão que entende como uma nuvem vermelha onde visualiza a figura de um senhor de aspecto terrível, mas alegre, de quem não conseguia compreender as palavras, dentre as quais só distinguiu a expressão latina *Ego dominus tuus*; ³⁷ era o Amor que assim se lhe apresentava. Com o coração do poeta na mão e nos braços uma jovem que dormia, nua e coberta por um tecido vermelho; acorda-a e dá-lhe o coração do poeta para comer.

Para os medievais, comer o coração de alguém significava apoderar-se da alma, ou seja, a mulher amada toma posse do coração do poeta.

Dante tem a impressão de que a figura do Amor chora e com a mulher nos braços dirigem-se para o céu. O poeta reconhece a senhora da sua salvação quando pela primeira vez a viu.

A partir daí começa a grande transfiguração de seu amor e Beatriz é colocada de agora em diante ao lado de Deus, iniciando assim a experiência amorosa com sua *gentilissima*.

O poeta pensou no que tinha acontecido e, então, decidiu escrever um soneto no qual saudasse todos os fiéis de Amor, pedindo que eles julgassem sua visão, o que pode ser observado na primeira parte do soneto.

Dante obteve várias respostas, dentre as quais a de Guido Cavalcanti, poeta já consagrado na época:

³⁷ “Eu sou o seu senhor”

*A ciascun'alma presa e gentil core
nel cui cospetto ven lo dir presente
in ciò che mi rescrivan suo parvente,
salute in lor signor, cioè Amore.*

*Già eran quasi che atterzate l'ore
del tempo che onne stella n'è lucente,
quando m'apparve Amor subitamente,
cui essenza membrar mi dà orrore.*

*Allegro mi sembrava Amor tenendo
meo core in mano, e ne le braccia avea
madonna involta in um drappo dormendo.
Poi la svegliava, e d'esto core ardendo
lei paventosa umilmente pascea:
appresso girl o ne vedea piangendo.*³⁸

Dante inicia o poema dirigindo-se aos apaixonados e aos corações gentis (*cuori gentili*), ou seja, aos fiéis do amor, para que o ajudem a entender o significado do seu sonho. O poeta julgava que o grupo de poetas stilnovistas era capaz de discutir assuntos que dizem respeito ao coração dos apaixonados.

Apresenta o poema dividido em três partes.

Na primeira o poeta faz-se cativo do Amor que é o deus a quem oferece a alma e o coração saudando-o e nesse estado vão passando as horas. Na segunda parte fala que quando começa a escurecer o dia e aparecem as estrelas ele subitamente se espanta diante da figura do Amor que lhe causa horror, pois, sorridente, trazia numa das mãos o

³⁸ “Em cada alma gentil, presa de ardor /ao coração gentil, de Amor cativo,/ao qual este meu texto se apresente,/ a quem o reescreva e o transparente,/ saúdo o seu senhor, isto é, o Amor./ Para além da hora terça o tempo esquivo/ corria no estrelário reluzente,/ quando surgiu Amor subitamente,/ e o horror, no seu aspecto, lembro, vivo./ Alegrava-se Amor, pois exibia/ meu coração nas mãos; dama formosa/ num manto em seu regaço adormecia./ E a despertava, e o coração que ardia/ dava Amor de comer à temerosa./ depois como chorando, Amor fugia”. Tradução Vasco Graça Moura.

coração e noutra uma jovem adormecida envolvida por um pano vermelho. Logo em seguida ele a acordava e oferecia o coração ardente que ela, receosa, comia.

O poeta percebe então que tal figura que o havia apavorado chora e afasta-se em direção ao céu.

Podemos observar o início de uma vida nova que nasce e é oferecida a uma divindade pagã que é o deus Amor.

Dante se aprimora na descrição dos personagens, na aparência que lhe causa horror e simbolicamente vê o seu coração absorvido pela doce amada

No soneto IX, após a morte de uma amiga de Beatriz, o poeta sai da cidade e vai em direção onde está a senhora abrigo (*donna dello schermo*) que é a mulher abrigo do seu desejo, a mulher que esconde a verdade, com intenções defensivas; mulher que tinha sido a sua defesa.

No caminho da viagem, na sua imaginação, aparece-lhe o deus Amor em forma de peregrino ligeiramente vestido com trapos, olhando a terra e um belo rio que corria, claríssimo, parecia que Amor o chamava e o advertia sobre aquela jovem- *donna dello schermo*- Diz, então, como esta tardaria voltar à cidade, transferia o coração do poeta desta para outra senhora que lhe serviria de defesa; e o aconselha a escrever alguns versos em sua homenagem.

Depois de ditas estas palavras, desaparece a visão do poeta, que cavalga muito pensativo imerso em suspiros. No final do dia escreve o soneto: *Cavalcando*

*Cavalcando l'atr'ier per un cammino,
pensoso de l'andar che mi sgradia
trovai Amore in mezzo de la via
in abito leggier di peregrino.*

*Ne la sembianza mi párea meschino,
come avesse perduto signoria;*

*e sospirando pensoso vènia,
per non veder la gente, a capo chino.*

*Quando mi vide, mi chiamò per nome,
e disse: “Io vegno di lontana parte,
ov’era lo tuo cor per mio volere;*

*“E recolo a servir novo piacere”.
Allora presi di lui si gran parte,
ch’elli disparve, e non m’accorsi come.”*³⁹

No soneto XIII , o poeta segue atormentado por vários pensamentos e dedica-se à meditação do seu deus Amor. Depois de uma das suas visões, põe-se a pensar nas palavras sobre o repouso da vida. A primeira observação é sobre a bondade da senhoria (do domínio) do Amor que afasta a compreensão dos outros de todas as coisas vis.

A segunda reflexão diz que tal domínio não é bom, porque, quanto maior ou mais intenso for Amor maior será o sofrimento daquele que ama.

No soneto o poeta dedica-se à meditação do seu deus Amor

Afirma que todos seus pensamentos falam de amor e são tão diversos e variados:

*Tutti li miei pensar parlan d’Amore;
e hanno in lor sì gran varietate,
ch’altro mi fa voler sua potestate,
altro folle ragiona il suo valore,

altro sperando m’apporta dolzore
altro pianger mi fa spesse fiate;*

³⁹ “ Cavalgando eu seguia o meu destino,/ queixoso do trajeto que fazia,/ quando encontrei Amor em meio à via,/ com hábito vulgar de peregrino./ De aspecto parecia-me mofino,/ como se houvesse perdido senhoria;/ e suspirando a meditar seguia,/ cabisbaixo, sem de outrem dar-se tino./ Quando me viu, chamou-me pelo nome,/ e disse: “Eu venho de longínqua parte,/ onde o teu coração deixei viver./ “Levo-o, agora, a servir novo prazer”./ Então, dele tomei tão grande parte/ que, sem que eu visse, se despede e some.”Tradução Vasco Graça Moura.

*e sol s'accordano in cherer pietate,
tremando di paura che è nel core.*

*Ond'io non so da qual matera prenda;
e vorrei dire, e non so ch'io mi dica:
così mi trovo in amorosa erranza!*

*E se com tutti voi fare accordanza,
convenemi chiamar la mia nemica,
madonna la Pietà, che mi defenda.*⁴⁰

Enfim, o poeta está desapontado pela incongruência dos atos amorosos que em alguns momentos são bons e outros ruins. Ele sente o inimigo e a necessidade de chamar a senhora piedade para a sua defesa. Dante louva o amor terrestre embora encontre nele muitas incongruências.

Nos sonetos IV, V, VI e VII o poeta refere-se a duas mulheres abrigo (*le donne dello schermo*).

Depois da visão que gerou *A ciascun'alma presa e gentil core*, a alma do poeta é dominada pela sua *gentilissima* senhora. Tal dedicação coloca o poeta em uma condição muito frágil. Seus amigos querem saber o que tanto Dante esconde e este responde que Amor é quem assim o havia governado; com as expressões do Amor na face (soneto IV) e obrigado ao silêncio, o poeta tenta esconder das outras pessoas o seu segredo.

O poeta vê Beatriz, em uma cerimônia; entre eles, em uma linha reta, está sentada uma gentil senhora de muito prazeroso aspecto, que olha muitas vezes para Dante, admirando sua contemplação que parecia nela terminar. As pessoas presentes percebem

⁴⁰ “Todos os meus pensamentos falam de Amor;/ que um me faz desejar-lhe a sua grandeza,/ outro - louco - discute o seu valor,/ outro, neste esperar, me traz dulçor,/ outro chorar me faz sem caridade;/ e só concordam em pedir piedade,/ meu coração enchendo de pavor./ Não sei por isso, a que matéria ater-me:/ quero falar, não sei o que falar;/ assim me encontro em meio de discórdia/ E, se desejo procurar concórdia,/ Convém-me chamar a minha inimiga,/ Dona Piedade, para defender-me.” Tradução Vasco Graça Moura.

os olhares de Dante e dizem: “Veja como tal mulher destrói a pessoa desse homem”⁴¹ e viu que o seu segredo não tinha sido desvendado até então, pois todos acreditavam que essa mulher fosse o objeto do seu amor. Dante encoraja tal opinião, escrevendo: “Com esta criatura me fechei por anos e meses; e para que acreditassem em mim, fiz para ela certas coisas em rima, as quais não pretendo escrever aqui”.⁴²

O poeta diz que no tempo que esta senhora era abrigo, defesa de tanto amor, teve vontade de lembrar do nome da sua gentilíssima e acompanhar-lo do nome de outras gentis senhoras. Foi assim que teve o ímpeto de fazer uma lista de moças mais belas de Florença, contanto que a gentilíssima estivesse em nono lugar, como sabemos um dos números sagrados. (V.N., VI)

Por um lado, declara-se preso de amor por Beatriz e por outro, corteja por longo tempo a primeira senhora.

Esta, a *donna schermo*, deveria partir de Florença e ir para bem longe e o poeta achou que se ele não falasse muito a seu favor, revelaria o seu segredo. (V.N., VII)

Pensando em escrever um soneto, escreveu algumas palavras sobre a gentilíssima, para quem realmente entendesse de amor, ou seja, para os capazes de reconhecer o que estava no seu coração, já que só com ele estava a chave para ele próprio abri-lo. Assim o poeta canta:

*O voi che per la via d'Amor passate,
attendete e guardate
s'elli è dolore alcun, quanto 'I mio, grave:
e prego sol ch'audir mi sofferiate,
e poi immaginate
s'io son d'ogni tormento ostale e chiave.
Amor, non già per mia poça bontade,
ma per sua nobiltate,*

⁴¹ “Vedi come cotale donna distrugge la persona di costui”

⁴² “Con questa donna mi celai alquanti anni e mesi; e per più fare credente altrui, feci per lei certe cosette per rima, le quali non è mio intendimento di scrivere qui. (V.N., V)

*mi pose in vita sì dolce e suave,
 ch'io mi sentia dir dietro spesse fiare.
 "Deo, per qual dignitate
 così leggiadro questi lo core have?".
 Or ho peduta tutta mia baldanza,
 che si movea d'amoroso tesoro;
 ond'io pover dimoro,
 in guisa che dir mi ven dottanza.
 Sì che volendo far come coloro
 che per vergogna celan lor mancanza,
 di fuor mostro allegrezza,
 e dentro da lo cor estruggo e ploro.*⁴³

A musa de Dante, que já se identifica com a *donna angelo* ou o centro da atenção amorosa do poeta, está neste soneto assim como certas palavras que nele se encontram as quais serão compreendidas também pelos fiéis de amor.

O profeta Jeremias já dizia, num passo da Bíblia: “Ó vós todos que passais pelo caminho do amor, vede atentamente e considerai se existe dor maior do que a minha”.⁴⁴

No soneto XXVI, o mais famoso entre outras líricas da *Vita Nova*, Dante volta a escrever versos em louvor à amada, onde o amor se transfigura em admiração religiosa; a sua expressão máxima está em *Tanto gentile tanto onesta pare* onde mostra a imagem de Beatriz que caminha pelas ruas da cidade, a virtude que concede a quem se aproxima dela e a graça adquirida pelas mulheres que a acompanham.

Dante traduz em versos o ponto mais alto da vida terrena de Beatriz; mostra a natureza humana e celeste. É a grande transfiguração de Beatriz.

⁴³ “Vós, que via de Amor vejo seguir/ se há dor alguma, quanto a minha, grave;/ e consenti apenas em me ouvir para não/ decidir,/ e depois imaginem/ se não sou de desgraça abrigo e chave./ Amor não pelo bem que em mim se vir/mas que nele existir,/ pôs-me em vida tão doce e tão suave/ que escutei, muitas vezes proferir:/ “Porque o vejo sempre ir,/ contente, sem tristeza que o agrave?”/ Agora já perdi minha ousadia,/ que somente em amor tinha razão;/ infeliz dizer quão/ permaneço, difícil me seria./ Assim, por ser-me esforço como o são/ os que escondem a sua vilania:/ sou por força alegria/ e por dentro amargor no coração”. Tradução Vasco Graça Moura.

⁴⁴ “O vos omnes qui transitis per viam, attendite et videte si est dolor sicut dolor meus”

*Tanto gentile e tanto onesta pare
la donna mia quand'ella altrui saluta
ch'ogne lingua diven tremando muta
e li occhi no l'ardiscon di guardare*

*Ella si va, sentendosi laudare
benignamente d'umiltà vestuta;
e par che sia una cosa venuta
da cielo in terra a miracol mostrare.*

*Mostrasi sí piacente a chi la mira,
che dà per gli occhi una dolcezza al core,
che 'ntender no la può chi non la prova:*

*e par che de la sua labbia si mova
un spirito soave pien d'amore,
che va dicendo a l'anima: Sospira.*⁴⁵

Dante refere-se à sua gentilíssima e louva-a e eleva-a ao mais alto grau de perfeição. A jovem causou encanto e admiração por toda a vida do poeta; assim escreve o soneto que vai ultrapassar o conhecimento do amor pagão e terrestre para descobrir a verdadeira origem humana no reino do deus verdadeiro, criador do mundo e do universo.

Vemos que Dante nos conduz ao entendimento de todas as perfeições que nos levam à graça de Deus único e verdadeiro, que está no Paraíso e doravante teremos, junto com o poeta, a guia Beatriz.

Por todas as meditações que Dante desenvolve nesse passo da V.N. podemos perceber que ele procura o sentido do verdadeiro Deus.

⁴⁵ “Parece tão gentil, tão recatada,/ minha senhora quando alguém saúda,/ que toda a língua treme e fica muda/ e olhá-la até seria idéia ousada/ Quando ela passa, ouvindo-se louvada,/ benignamente a humilde a escuda,/ tal uma coisa que do céu acuda/ à terra, por milagre revelada./ Tal graça ao coração de quem na mira/ está pelos olhos uma doçura a pôr/ que não pode entender quem a não prove;/ E dos lábios parece que se move/ um espírito suave e só de amor/ que vai dizendo à alma assim: Suspira.”
Tradução Vasco Graça Moura.

Em suma, depois de muito pensar e tentar compreender os grandes filósofos e poetas da antiguidade, Dante procura o verdadeiro Deus e finalmente se volta à sua gentilíssima.

Para Contini (1970, p.21) o soneto não requer explicação, pois é muito claro, que poderia ter sido escrito ontem. Nele é clara a prova de nobreza e dignidade de Beatriz.

3.3 Considerações finais sobre a importância de Beatriz na *Vita Nova*

No último capítulo da *Vita Nova* Dante revela o seu grande projeto: “Depois deste soneto, me apareceu uma admirável visão, na qual vi cousas que me fizeram convencer de não mais dizer desta bendita até me ver em condição de falar mais dignamente dela.”(V.N., XLII, 1).⁴⁶

O que se pode deduzir dessa visão e reflexão do poeta sobre o lugar celestial e inspirou à sensação de não ser capaz de cantar dignamente Beatriz.

Afinal trata-se de Beatriz beata e santa; faltavam ao poeta o saber filosófico e teológico sobre qual seria o destino das almas depois da morte, como se estruturaria o outro mundo, qual seria a natureza dos anjos que viviam com Beatriz.

Beatriz era já beata e ele não podia mais alcançá-la no pensamento senão no reino dos beatíficos.

⁴⁶ “Appresso questo sonetto aparve a me una mirabile visione, ne la quale io vidi cose che mi fecero proporre di non dire più di questa benedetta infino a tanto che io potesse più degnamente trattare de lei”

Surge então o frase final da *Vita Nova* “ Se aprouver àquela por quem vivem todas as cousas, que a minha vida dure ainda anos, dela espero dizer o que de mais nenhuma foi dito” (V.N.,XLII,2) ⁴⁷

A passagem da *Vita Nova* para o Convívio é determinada por Beatriz, pois para falar dela o que nunca foi dito de ninguém e louvá-la de forma digna, Dante precisaria dedicar-se ao estudo da filosofia e da teologia.

Para Étienne Gilson (2004, p.37), já se trata de Beatriz santa; e como a capacidade poética de Dante já estava madura, a única coisa que poderia faltar para celebrar dignamente Beatriz, seria o saber filosófico e teológico sobre o destino das almas depois da morte, a estrutura do outro mundo e a natureza dos anjos com os quais vivia a amada.

O próprio poeta diz “e por fazê-lo estudo quanto posso e ela o sabe verdadeiramente.” ⁴⁸

Dá-se então a transfiguração de Beatriz em teóloga e filósofa.

Dante a consagra como dona Filosofia, o que ele explica claramente no *Convivio* (XII): “Eu, que procurava consolar-me, encontrei remédio somente em minhas lágrimas, e em vocábulos de autores, de ciências e de livros, os quais considerando julgava bem que a filosofia, que era senhora desses autores, fosse a mesma coisa. E imaginava a filosofia feita como uma gentil senhora (*donna gentile*) e não podia imaginá-la de outra forma que não misericordiosa”. ⁴⁹

Surgem sentimentos mais temperados: o poeta encontra consolo ao cantar em louvor a morta; Beatriz, se transforma em santidade, imagem sob a qual o poeta procura desenvolver as suas especulações.

⁴⁷ “*se piacere sarà di colui a cui tutte le cose vivono, che la mia vita duri per alquanti anni, io spero di dicer di lei quello che mai non fue detto d'alcuna*”. Tradução Vasco Graça Moura.

⁴⁸ “*e di venire a ciò io studio quanto posso, sì com'ella sae veracemente*”. (V.N. XLII, 2)

⁴⁹ “*io, che cercavo di consolarme, trovai non solamente a le mie lagrime rimedio, ma vocaboli d'autori e di scienze e di libri, fosse somma cosa. E immaginava lei fatta come una donna gentile, e non la poteva immaginare in atto alcuno, se non misericordioso*”.

O amor não é mais um sentimento individual, mas é o princípio da vida divina e humana. “O amor não é mais um sentimento individual, mas é o princípio da vida humana e divina. Beatriz, na sua gloriosa transfiguração, transforma-se em um símbolo, o doce nome que o poeta dá ao seu novo amor, à Filosofia”. (De Sanctis, 1991, p. 44 e 45).⁵⁰

A seguir será tratada a presença de Beatriz no Purgatório, algumas suas incursões no Paraíso e, finalmente, o seu último diálogo com Dante.

⁵⁰ “*L’amore non è più un sentimento individuale, ma è il principio della vita umana e divina. Beatrice nella sua gloriosa trasfigurazione diviene un simbolo, il dolce nome che il poeta dà al suo nuovo amore, alla Filosofia*”.

4. INCURSÕES DE BEATRIZ NO PURGATÓRIO E NO PARAÍSO

4.1. Incursões de Beatriz no Purgatório como guia e filósofa

O Purgatório é o segundo reino dantesco “onde o espírito humano se purga e se dignifica”.⁵¹

O termo Purgatório vem do latim *purgatorius* que significa limpar, purificar pela eliminação das impurezas.

É concebido como uma montanha que se ergue no hemisfério meridional da Terra, nos antípodas de Jerusalém.

A sua parte inferior é denominada Antepurgatório que é envolvido pela atmosfera terrestre sendo um lugar de espera, da subida ao céu, antecâmara, onde as almas estariam aguardando sua entrada no Purgatório.

O Purgatório é a parte da montanha que se encontra acima das nuvens e para se chegar até lá é necessário atravessar uma porta que é guardada por um anjo, e pelo guardião Catão Uticense, que marca na fronte das almas dos penitentes sete letras “P” que correspondem aos sete pecados capitais e, em seguida, segue-se por um estreito caminho esculpido na rocha.

A montanha é dividida em sete patamares sobrepostos, formando uma circunferência que vai diminuindo, conforme se avança em direção ao alto os penitentes saem de cada um dos patamares, os anjos apagarão uma a uma as letras “P”.

Observa-se que, à medida que se superam os patamares, o peso dos pecados torna-se mais leve, o que faz com que a escalada da montanha seja mais rápida.

O Purgatório é dividido segundo os sete pecados capitais e é permeado por todos os sentimentos de humildade e arrependimento.

É um lugar doce no seu aspecto e nas almas dos seus habitantes e nas músicas, mas ainda existe o sofrimento dos homens que estão se purificando.

⁵¹ “dove l’umano spirito si purga e di salire al ciel diventa degno”.

É o reino dos doces amigos deixados havia pouco e reencontrados, como Casella (Canto I), Belacqua (Canto IV), Sordello (Canto VI). Ao lado da amizade encontramos a arte, a poesia, a pintura e a música.

Outra característica importante é o fator tempo, pois o Purgatório é o único reino onde ele existe. Dante permanece quatro dias no Purgatório e faz referência ao tempo pela existência do dia e da noite, do sol e da lua.

No início dos versos abaixo, já haviam se passado três horas, considerando-se a posição do sol, visto que sua marcha se estimava em quinze graus por hora:

*Ché ben cinquanta gradi salito era
lo sole, e io non m'era accorto.*⁵²

*Già era, sovra noitanto levati
li ultimi raggi che la notte segue,
che le stelle apparivan da più lati.*⁵³

As almas sobem e se purgam dos pecados seguindo a ordem: orgulho, inveja, raiva, preguiça, avareza, gula e luxúria; e assim chegam ao topo da montanha que é chamado de Paraíso terrestre.

O Purgatório é o centro da Comédia, onde o réprobo se arrepende, purga, paga os pecados ao longo dos 7 círculos até o momento em que chega ao Paraíso terrestre.

Conforme Dante vai vencendo cada etapa do Purgatório, olha para trás e vê a sua vida em Florença antes do dia do Jubileu.⁵⁴

⁵² Pois uns cinquenta graus, /na ampla carreira, /o sol se alçara, e eu não o percebi. (Purg. IV, 15/16)

⁵³ O sol ia os seus raios apagando/ ante a pressão das sombras vespertinas/ e vi no céu os astros cintilando. (Purg. XVII, 70/72)

⁵⁴ comemoração religiosa da Igreja católica, celebrada dentro de um ano santo, mas o que a difere deste é que a celebração jubilar é feita de vinte e cinco anos em vinte e cinco anos. A palavra jubileu vem do hebraico *yovel*, que significa o carneiro do qual foi retirado o chifre que foi usado para anunciar o ano festivo. Apoiada na tradição bíblica, a Igreja por intermédio do Papa Bonifácio VIII, institui o Jubileu em 1300.festivo. Apoiada na tradição bíblica, a Igreja por intermédio do Papa Bonifácio VIII, institui o Jubileu em 1300.

Dante atravessa a porta, e sempre acompanhado por Virgílio, inicia a subida que será difícil em razão das características do terreno.

Os dois poetas vão caminhando, Dante vai se purificando e, quando estão no patamar dos avarentos e dos pródigos, são interrompidos por um terremoto seguido pelo hino *Gloria in excelsis Deo*, o que demonstra que uma alma cumpriu a purificação e já pode subir ao Céu. Trata-se de Estácio que percorrerá com Dante e Virgílio o patamar em que se purgam a gula e a luxúria, passagem que marca o limite entre o Purgatório e o Paraíso terrestre.

Dante aproxima-se de um muro de fogo, sente-se aterrorizado. Virgílio aconselha o poeta e diz: “Quem diria que de Beatriz te separasse um muro?”⁵⁵ (Purg. XXVII, v.35,36). O medo é superado pelo amor a Beatriz e, DANTE, muito cansado, adormece e sonha com uma jovem mulher colhendo flores.

Ela é Lia que aparece ao poeta de forma operante. Encontramos também no sonho Raquel que admira-se ao espelho, de maneira que se pode compreender que Lia é mais ligada à vida ativa e Raquel é tida como símbolo da vida contemplativa.

Às portas do Paraíso terrestre, Virgílio diz que a sua missão está cumprida e que Dante deverá seguir sem ele.

O poeta chega ao ponto mais alto da montanha, o que quer dizer que se encontra em elevado grau de perfeição e purificação: assim sendo ele pode desfrutar da visão do Jardim do Éden, repleto de árvores, mas que permite a entrada da luz do sol nascente.

Na descrição do Paraíso terrestre, encontram-se a preparação e o verdadeiro clima da visão de Beatriz. Dante segue as palavras de Virgílio e entra na selva.

⁵⁵ “Or vedi, figlio: tra Beatrice e te è questo muro”. Tradução Cristiano Martins.

Avista o pequeno rio Letes, de águas tão transparentes que se podia ver o fundo. A selva se caracteriza como eterna primavera, florida e lhe traz a lembrança da sua cidade em maio.

É então que aparece uma mulher, Matelda, que colhe flores, canta e dança. Ela explica aos poetas a origem do rio e do vento.

O Paraíso terrestre é o lugar do nascimento da humanidade e, ao mesmo tempo, da sua degradação.

A figura de Matelda seria a de guia à purificação; ela intervém entre Dante e Beatriz com a tarefa de guiar o poeta e explicar a natureza do Paraíso terrestre, leva Dante a observar uma simbólica procissão, por ser exigida dele uma compreensão religiosa do mistério.

Às margens do rio Letes, Dante percebe uma grande luz e escuta uma melodia. O poeta pensa ver sete árvores de ouro, mas quando se aproxima estes revelam-se sete candelabros; atrás, vê uma procissão cantando Ave Maria, vinte e quatro senhores em fila, dois a dois, quatro animais coroados de verde, cada um deles dotados de três asas, e um carro puxado por um grifo.

Ao lado das rodas dançam três mulheres (a primeira vestida de vermelho, a segunda de branco nívoo e a terceira de verde esmeralda) e ao lado da roda esquerda quatro mulheres vestidas com a cor púrpura, uma delas com três olhos; logo atrás um médico e outro senhor com uma espada.

Matelda começa a cantar às margens do rio, sua postura é de uma pessoa que ama, amor a Deus e ao poeta que conduz.

Para alguns críticos ela seria a imagem da felicidade terrena, da inocência, da sabedoria do Velho Testamento, para outros ela seria uma das jovens que outrora acompanharam Beatriz.

Dante e Matelda caminham como se estivessem um ao lado do outro, separados pelas águas do Letes. O poeta é convidado a observar e escutar o que a nova visão lhe traz. Ele imagina que a procissão simbolize o mistério da fé. Os sete candelabros significariam alegoricamente os sete sacramentos, os sete dons do Espírito Santo que são: a sabedoria, intelecto, conselho, força, ciência, piedade e temor a Deus.

O grifo, que está à frente do carro, seria o símbolo de Cristo nas suas duas naturezas, humana e divina, e conduziria o carro místico da Igreja.

A visão tem caráter místico e profético.

Uma luz atravessa o bosque e Dante se pergunta por que essas luzes se acendem e se apagam em pequenos instantes. Afinal, na natureza pura e serena do Paraíso não se podem formar relâmpagos.

À mente do poeta vem Eva que cometeu o pecado da desobediência, pois se ela tivesse cumprido a determinação divina, a humanidade não teria sido banida do Éden.

Neste momento, o poeta já está muito ansioso por conhecer o que está para acontecer, a alegria maior que seria o aparecimento de Beatriz.

Dante pede a ajuda das musas para que lhe consigam transformar em poesia esta experiência.

O poeta maravilha-se com o espetáculo de tanta beleza e dirige-se ao seu mestre, Virgílio, que parecia mais surpreso ainda. Dante pensa que deve existir uma alteração atmosférica, quando observa o vento e a água no meio da floresta do Éden.

Matelda diz que libertará o poeta da ignorância que fere e ofusca seu intelecto.

O limite entre o humano e o divino é bem observado, pois o Purgatório assim como o Inferno, pertencem ao mundo do homem com sua história e a seu tempo. Já o Paraíso não pertence ao tempo humano. É com Beatriz que entrará em outra dimensão e isto poderá ser observado mais claramente quando Virgílio for substituído.

No primeiro momento do canto XXX, Virgílio, *il dolcissimo padre*, desaparece sem deixar nenhum sinal e Dante chora inconsolável e triste; Beatriz aparece vestida em traje vermelho, como aparecera nas ruas de Florença, *Donna m'apparve*, palavras usadas na *Vita Nova*.

Apesar de estar envolvido pela beleza do Paraíso terrestre e estar diante da mulher por quem tanto ansiou, o poeta sente a dolorosa separação de seu guia, pois entre a perda de Virgílio e a aparição de Beatriz, o poeta permanece sozinho.

Beatriz, que é a sua nova consciência, apresenta-se-lhe austera, repreende-o, mostra-lhe suas culpas passadas, provocando-lhe mais um choro amargo. Dirá a Dante que não se pode ultrapassar o limite representado pelo rio Letes, sem pagar o pedágio de lágrimas que salvaram todos os arrependidos de última hora no Purgatório.

A aparição celestial de Beatriz velada e glorificada pelos anjos é marcada pela reprovação ao poeta que, em resposta, chora. Logo após há uma nova e mais forte acusação que suscita no poeta novo choro e profunda humilhação. Logo em seguida acontece a revelação do rosto de Beatriz.

Beatriz encontra-se concentrada na contemplação do carro, símbolo da Igreja e conduzido pelo grifo, e quase se esquece do seu arrependido.

Diante das luzes enigmáticas Dante fica imóvel e com a elevação de Beatriz um grande remorso invade seu coração e desmaia. Este fato pode sugerir sua morte mística.

Em outro momento aparece Matelda que imerge o poeta nas margens do Letes, A procissão segue seu caminho. Dante e Matelda chegam ao rio Eunoé, e o poeta bebe água para reaver a lembrança do bem realizado.

Ao beber a água do rio Letes esquece-se das culpas cometidas e do Eunoé faz lembrar as boas realizações.

Matelda convida o poeta a contemplar Beatriz de perto e ele é levado ao carro. Dante pode ver então o transformar-se do carro. O ritual se fecha com a intervenção das sete virtudes teologais e Beatriz concede um sorriso ao poeta.

Dante recobra a visão e, encantado com o sorriso de Beatriz, lembra-se da força do antigo amor.

Finalmente o Paraíso é o lugar perfeito, pois é a morada de Deus. É grande o mérito de Dante como poeta, porque, com todas as explicações que se aprendem no Paraíso, pode-se aceitar o desvendar do mundo terrestre e divino.

O Paraíso é composto por nove céus concêntricos, móveis e luminosos distribuídos no espaço segundo a concepção de Ptolomeu que acredita ser a Terra imóvel, parada no meio do Universo.

Depois destes há o Empíreo o primo móvel constituindo o reino da eterna beatificação.

Dante sobe com Beatriz ao céu lunar e depois, de céu em céu, chegam ao Empíreo onde permanecem com os anjos e as almas dos beatos, até que Beatriz suba à Cândida rosa, onde com os demais santos viverá eternamente

Antes de ver todas as almas recolhidas no Empíreo, Dante as vê divididas entre os céus.

4.2. Incursões no Paraíso celeste e a santidade de Beatriz.

O Paraíso difere do Inferno e do Purgatório, pois Dante descreve o lugar e as personagens que constituem o mistério da vida, dando-lhes um aspecto próprio. No Paraíso, os beatos não têm individualidade física, nem rosto, pois Dante pensa que não pode penetrar além da luz.

Uma pequena explicação sobre os céus do Paraíso:

No primeiro céu, o da Lua, a característica mais importante é a inconstância. É o mais baixo e menos veloz dos céus e é movido pelos anjos. Dante vê os espíritos que foram constrangidos pela violência de outros a serem infiéis aos votos religiosos.

No segundo céu, o de Mercúrio, encontram-se os espíritos que foram virtuosos não só por amor a Deus, mas pelo desejo de glória divina. É movido pelos Arcanjos.

No terceiro céu, o de Vênus, do qual descende a tendência tanto ao amor puro como também ao amor sensual, movidos pelos principados, estão os espíritos amantes.

No quarto céu, o do Sol, que inspira sabedoria e tem a forma de uma coroa dupla, movida pelo *podestà*, brilham as almas sapientes e triunfam os teólogos.

No quinto céu, o de Marte, ligado ao combate, em forma de cruz luminosa, movido pelas virtudes, estão as almas dos que morreram em combate pela defesa da fé de Cristo.

No sexto céu, o de Júpiter, ligado à justiça, movido pelas dominações, é onde estão os espíritos justos.

No sétimo céu, o de Saturno, é onde se inspira o desejo de recolhimento, meditação sobre as grandes verdades morais e religiosas é movido pelos *Troni*, espíritos contemplativos espalhados ao longo de uma escada que vai até o Empíreo.

No oitavo céu, o das estrelas fixas, movidas pelos Querubins, o poeta assiste ao triunfo de Cristo e de Maria. Dante supera várias provas e depois aparece Adão que fala sobre o pecado original e São Pedro, sobre os Pontífices.

No nono céu, o primeiro móvel, movido pelos Serafins, assiste-se ao triunfo das hierarquias angélicas, com nove círculos luminosos girando ao redor de um pequeno ponto de luz que é Deus.

O poeta com o prólogo do Paraíso, começa com o argumento filosófico, criado com a razão (filosofia e teologia).

Do reino visual percebido pela mente ao reino invisível dos mistérios de Deus, anuncia-se no primeiro canto o objetivo do universo em que tudo se move do universo movido por Deus.

Primeiro apresentam-se o amor juvenil de Dante por Beatriz; no Purgatório, o amor carnal e agora é a vez do amor sublimado e expresso pela razão.

Dante invoca o deus pagão Apolo, “divindade da fonte à poesia e mais as musas inspiradoras, as sacrossantas virgens (*Par. I, .*). É o deus do amor.

Ao deixar o Purgatório, Dante é *transumanado* como Beatriz, no primeiro ciclo do Paraíso e já a tem como guia. Como ele mesmo explica: (Canto I, 70-72)

*Transumanar significar “per verba”
non si poria; però l’esempio basti
a cui esperienza grazia serba.* ⁵⁶

Segundo Chiavacci (2009, Par.p.26) *trasumanare* é ultrapassar a condição humana e não se pode traduzir em palavras, mas dar uma idéia a quem um dia poderá experimentá-la.

Dante e Beatriz já estão santificados. (canto I, v. 64)

Enquanto Beatriz permanece por todo o caminho com os olhos fixos, Dante a observa e com esta troca de olhares, ela fitava, como para tranquilizá-lo de tanta comoção na alma; antes que ele lhe perguntasse a ela começou a dizer:

*Tu stesso ti fai grosso
col falso imaginar, sí che non vedi
ciò che vedresti se l’avessi scosso.*

*Tu non se’ ‘n terra, sí come tu credi:
ma folgore, fuggendo il proprio sito,
non corse come tu ch’ad esso riedi”* ⁵⁷

⁵⁶ “Transumanar o sentido que observa, / por palavras se exclui; o exemplo baste/ a quem a graça experiência reserva.” Tradução de Cristiano Martins

⁵⁷ “Tu mesmo, disse/ em falso pensamento que não vê/ e divagando não vês o que verias dele isento./ Já não está no mundo miserando;/ E o raio, desde o céu precipitado,/ Não voa como tu que o vais buscando. (Par. I, 88)”.

Beatriz vai explicando os fatos milagrosos com argumentos da filosofia e principalmente da teologia, pois a sua função é agora de mestra da ciência divina e humana. Seu primeiro argumento é a existência de Deus. Enquanto continuam a conversar sobre assuntos variados relativos aos mistérios divinos, ela suspira piedosamente e dirige-se-lhe com expressão de mãe ao filho delirante e começa a lhe dizer que tudo o que existe tem a sua ordem e esta é a forma que Deus faz no céu.

No segundo canto, Dante e Beatriz penetram no primeiro céu, o da Lua; este canto representa a verdadeira entrada no Paraíso, a grande aspiração em conhecer o mundo celestial no céu em que se encontram Beatriz no alto e Dante, abaixo.

As explicações dadas por Beatriz teóloga são sobre mistérios do céu e da terra, evocação dos evangelhos, explicações dos santos, filósofos e principalmente dos teólogos chegados ao céu lunar.

Ele começa a agradecer-lhe a atenção e o gesto já que por sua causa e da magnanimidade divina ele sai do mundo mortal. Beatriz, transformada em uma guia de bondade e perfeição, segue esclarecendo as dúvidas que por acaso chamam a atenção do poeta, responde-lhe sempre e, agora, com um sorriso e uma expressão de bondade e sabedoria. Segue-se um colóquio de beleza, sabedoria e ternura por parte dos dois.

E assim continuam a observar e explicar tudo e Beatriz, sorridente companhia, responde a todo questionamento de Dante e pede-lhe que ele não se encante com seu sorriso. Encontram amigos como Piccarda Donati e Costanza Imperatriz e trocam perguntas sobre a beleza do ambiente em que estão.

Entre as luzes que resplendem no ambiente, aparece uma que é *la gran costanza* (v. 118) que, segundo Beatriz, é a Imperatriz de Altavilla. Enquanto isto, entoa-se um canto à Ave Maria.

Vão caminhando e encontram problemas de toda a espécie que Beatriz, com toda a sua doçura e sabedoria teológica, explica. Lembra os filósofos gregos e os grandes santos como Moisés e João, fala da escritura e da santa Igreja, Gabriel e Miguel e evoca ainda Timeu de Platão para a sua argumentação.

A seguir, Beatriz adverte o poeta e explica-lhe por que só os olhos cerrados podem flamejar no calor do amor muito acima da visão terrestre, e, ao subirem ao céu de Mercúrio encontram os espíritos que amaram a glória divina. Beatriz segue contando e cantando os mistérios celestiais. Relembra a Dante as personagens que também mereceram a santificação. O poeta, observado por Beatriz, começa a resplandecer no seu intelecto a luz eterna que, segundo Beatriz é a luz que acende o amor (canto II).

Deste modo, vemos como o amor um pelo outro vai se transformando em amor divino diante de tanta sublimidade (canto V). No céu de Mercúrio, fala-se de César, Justiniano e outros tantos romanos. Prosseguindo a subida chegam ao céu de Vênus que está cheia de amor mundano, mas reforçado pelo amor divino. Relembra as antigas fábulas onde os céus de poesia são os céus pagãos, mitológicos. Cada planeta tem o seu epíclito.

O céu de Vênus é o terceiro *folle amore*, “o louco amor” que os provençais e Dante adotam como insanos e que Virgílio na sua Égloga chamou de *insanus amor*. Aqui encontramos as almas dos que sentiram ,com particular intensidade, o impulso amoroso, do qual se deixaram levar.

Chiavacci, no Par. VIII (2009, p.216), explica que *folle amore* é a expressão técnica da poesia francesa e provençal para indicar o amor dos sentidos, em contraposição ao da alma (*fin’ amor*)⁵⁸

⁵⁸ “è l’espressione tecnica della poesia francese e provenzale per indicare l’amore dei sensi, contrapposto a quello dell’animo (detto fin’ amor)

Anuncia-se o drama no tempo dos falsos deuses “das gentes antigas”.

Continua a ascensão do poeta e de sua guia, que entram no céu do Sol e tornam-se mais luminosos que os astros. Doze espíritos sábios apresentados por São Tomáz de Aquino formam uma gloriosa fileira que dança e canta. Continuando a trajetória na subida ao céu de Marte, Beatriz tão bela e risonha mostra-se a Dante para dizer-lhe que, daquele momento em diante a mente teria prevalência como guia.

Beatriz recebe gloriosamente São Francisco no planeta Marte, e realiza sua função de guia e sua missão doutrinal para explicar o “esplendor dos beatos”

A passagem do quinto céu de Marte para o sexto céu de Júpiter é onde se explica o milagre da V. N. (XIX, v. 2). Dante anuncia o que ninguém dirá: a santificação de Beatriz.

No céu de Júpiter, o poeta ainda se perturba ao se lembrar do exílio, mas, com a presença de Beatriz, agradece a Deus companhia tão desejada, volta-se ao som amoroso do seu conforto, abandona-se aos santos olhos do amor e subjuga-se à luz de seu sorriso.

Beatriz chama sua atenção não para seus olhos e sim para o Paraíso.

“Oh Beatrice dolce guida e cara!

Ella mi disse: <Quel che ti sobranza

*È virtù da cui nulla si ripara.*⁵⁹

Enfim chegam ao céu Empíreo onde Dante perde a visão que aos poucos recobra e torna a ver Beatriz e se constrange com tal visão e amor.

⁵⁹ Ó divina Beatriz, ó puro amor!/ Ofusca-te, falou-me, “a refulgência/ Que não cede lugar a outro valor. (Par. XXIII, v. 34 a 36)

Reconhece a sua beleza engrandecida e sua mente relembra o doce sorriso que vira desde o começo na vida terrena.

Todos cantam docemente o Pai, o Filho e o Espírito Santo:

“Oh, gioia! Oh ineffabile allegrezza!

Oh vita intègra d’amore e di pace!

*Oh sanza brama sicura ricchezza!*⁶⁰

Beatriz informa ao poeta que haviam acabado de deixar o nono e último céu, o *primo mobile* (a esfera mor) e que já se encontram no Empíreo, a sede da divindade, a qual não era como os outros, um céu material, mas pura fonte de luz, iluminando e movendo as esferas embaixo.

São suas estas palavras: Finalmente o verdadeiro amor que transcende toda doçura (Par. XXX, v. 38 a 42):

“Noi siamo usciti fòre

del maggior corpo al ciel ch’è pura luce:

luce intellectual, piena di amore;

amor di vero ben, pien di letizia;

letizia che transcende ogni dolzore”.

[...]

“Sempre l’amor che queta questo cielo

accoglie in sé con sí fatta salute,

*per far disposto a sua fiamma il candelò.”*⁶¹

Já no Empíreo, o poeta contempla a Cândida rosa onde vê São Bernardo que será seu novo guia, substituindo Beatriz que já retornara a sua morada.

⁶⁰ “Ó alegria, ó graça irradiante! / Ó plenitude de ventura e amor! / Ó bem sem par, a toda ânsia bastante! (Par. XXVII, v. 7 a 9)

⁶¹ “Partimos, começou, “da esfera mor, / e ascendemos ao céu que é luz radiosa; / que é luz intelectual, plena de amor, / amor do bem, repleto de alegria, / alegria que a tudo é superior.” “O amor que imobiliza o Empíreo céu / Saúda assim a todos a chegada, / por prepará-los para o brilho seu” (Par. XXX, v. 52 a 54)

Dante inicia a procura de sua amada e lhe é dito que se acreditava terem visto um senhor vestido com uma estola. E Dante pergunta imediatamente onde está Beatriz (*dov'è ella*) e lhe respondem que estava no seu lugar, ou seja, no terceiro círculo do último grau, no trono que seus méritos lhe proporcionavam. Mudo levanta os olhos e a vê coroada, refletindo de si os raios eternos (Par. XXXI, v. 70 a 72).

Todo o amor terreno de Dante por Beatriz e, por conseguinte por Deus, ele oferece à Nossa Senhora e a reverencia como mãe de Deus, pela sua generosidade e em nome da humanidade, pois quer mostrar que o feminino é o objeto fundamental do seu amor por Beatriz, louvando-a no sublime amor pela mãe de Deus.

*“Vergine Madre, figlia del tuo figlio,
Umile e alta piú che creatura,
Termine fisso d’eterno consiglio,
Tu se’colei che l’umana natura*

*Nobilitasti sí, che ‘l suo fattore
Non disdegnó di farsi sua fattura”* ⁶²

Assim se santifica o amor a Deus pela humanidade e o do Senhor dos dois mundos.

Dante termina o seu poema estendendo o seu amor terreno ao amor divino, inspirado e encantado pela Virgem Maria. E Deus concede-lhe, além da alta fantasia de poeta, um amor que vive eternamente porque, comparado a um círculo, não tem

⁶² “Ó Virgem mãe, ó filha de teu Filho,/ mais alta e humilde que qualquer criatura,/ dos eternos desígnios termo e brilho!/ Em ti se sublimou a tanta altura/ A humana condição, que o seu Fautor/ Em tornar-se acedeu sua feitura.” (Par. XXXIII, v.1 a 7)

começo nem fim, é interminável. Podemos sentir na frase de Dante: “Diró di lei quello che mai fu detto da alcuna”. Porque é o amor que move o sol e as estrelas.

CONCLUSÃO

Para concluir pode-se resumir que, no grande livro da juventude de Dante, encontra-se a principal transfiguração de Beatriz cristã em musa da mitologia grega.

Depois de cantá-la em múltiplos e grandes sonetos, Dante tira do livro da sua memória as figuras com que ele adormece, sonha ou tem visões.

Beatriz é o principal objetivo de Dante, embora ela viva rodeada de outras belas moças, mas sempre no braço do deus Amor.

É o amor terreno por excelência que vai se refinando e se elevando ao amor divino. Não é muito repetir o que o poeta escreveu num dos últimos sonetos da *Vita Nova*: “Falarei dela o que jamais foi dito de alguém”.

Dante, que já chega ao ápice do *Dolce stil novo*, prossegue nas incursões que faz nos principais passos da sua Comédia.

Beatriz, já indicada como um ser santificado ao atingir o empíreo, recebe assim como Virgílio a missão de guia de Dante. As partidas de Beatriz identificam-se assim: Virgílio sobe do Inferno e Beatriz desce a ele e os dois acompanham o poeta.

Citaram-se, porém, as incursões principais em que Beatriz já se apresenta como filosofia e teologia, isto se dará primeiramente no Purgatório quando ela se dirige ao poeta e lhe fala sobre o amor.

De todas as incursões sobressaem-se principalmente as em que Beatriz faz Dante reconhecer o amor terreno e os sacrifícios que fazem os mortais para redimirem-se e alcançarem o amor eterno.

Chegados ao Paraíso terrestre dá-se a última purificação de corpo e alma do poeta. Depois de se redimir de seus pecados na santa montanha (o Purgatório), Dante chega ao Paraíso terrestre onde encontra pela última vez Virgílio que depois desaparece e é substituído por São Bernardo.

Dante já está preparado para subir com Beatriz e guiar-se ao Paraíso celestial. Lá acompanhado por ela e São Bernardo, vai conhecendo um dos dez círculos que compõem o céu estrelado.

Em cada céu encontra almas santificadas que o ajudam a conhecer e respeitar as maravilhas lá existentes. Ao chegar ao empíreo, Beatriz, depois de responder-lhe todas suas dúvidas, sobe à Cándida rosa e lá permanece na companhia das grandes almas e dos santos. É a união de todo o amor.

A suma santidade é a de Maria, assim se reconhece mais uma vez a identificação que encontramos no evangelho de Cristo: “*Deus amor est*”.

Na segunda parte do trabalho pode-se observar a transfiguração de Beatriz em teóloga e filósofa na *Divina Commedia*, onde aparece no Purgatório e no Paraíso, sua morada eterna.

O amor não é mais um sentimento individual, mas é o princípio da vida divina e humana. Beatriz, na gloriosa transfiguração, transforma-se em um símbolo, o doce nome que o poeta dá a seu novo amor, a Filosofia.

TRADUÇÕES UTILIZADAS

CAMPOS, H. *Pedra e Luz, na poesia de Dante*. Rio de Janeiro: Imago Editora, 1998.

GRAÇA MOURA, V. *A Vita Nuova de Dante Alighieri*. Lisboa: Bertrand Editora, Ltda, 1995.

MARTINS, C. (Trad). Alighieri, Dante. *A Divina Comédia*. Belo Horizonte: Itatiaia Editora Ltda, vol. 2, 1979.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALIGHIERI, D. “*Tutte le opere*”. Roma: Grandi Tascabili Newton, 1997.

BARBI, M. “*Problemi di critica dantesca*”. Firenze: Sansoni editori, 1934.

BERTONI, G. “*Storia Letteraria d’Italia*”. Milano: Casa Editrice Vallardi, 1930.

BORGES, J.L. “*Nove Ensaios Dantescos*”. Lisboa: Editorial Presença Ltda, 1982.

CAMERINI, E. (a cura di) “*La Divina Commedia*”. Milano: Editrice Sonzogno, 1908.

CHIAVACCI LEONARDI, A.M. In ALIGHIERI, Dante. “*La Divina Commedia: Inferno*.” Milano: Mondadori, 2009.

_____. In ALIGHIERI, Dante. “*La Divina Commedia: Purgatório*”. Milano: Mondadori, 2009.

_____. In ALIGHIERI, Dante. “*La Divina Commedia: Paraíso*”. Milano: Mondadori, 2009.

CONTINI, G. “*Un’idea di Dante*”. Torino: Piccola Biblioteca Einaudi, 1970.

DE SANCTIS, F. “*Storia della letteratura italiana*”. Roma: Grandi Tascabili Newton, 1991.

“*Enciclopedia Dantesca*”. Roma: Istituto di Enciclopedia Italiana. 1996.

ÈTIENNE, G. “*Dante e Beatrice*”. Milano: Medusa Edizioni, 2004.

FERRUCCI, F. “*Stupore e ordine*”. Napoli: Liguori Editori, 2007.

MARNOTO, R. *“A Vita Nova de Dante Alighieri. Deus, o Amor e a Palavra”*. Lisboa: Edições Colibri, 2001.

MIGLIORINI, B. *“Storia della Lingua Italiana”*. Firenze: Sansoni Editori, 1961.

OTTO, F. *“Le muse e l’origine divina della parola e Del canto”*. Roma: Fazi Editori, 2005.

NARDI, B. *“Dante e la cultura medievale”*. Bari: Editoria Laterza, 1942.

PATAPIEVICI, R. *“Gli occhi di Beatrice”*. Milano: Mondadori Editori, 2006.

PAZZAGLIA, M. *“Il mito di Beatrice”*. Bologna: Patron Editore, 1998.

PERES, F. *“La Beatrice Svelata. Preparazione alla intelligenza di tutte le opere di Dante Alighieri”*. Palermo: Flaccovio Editore, 2001.

PETROCCHI, G. *“Vita di Dante”*. Roma: Editori Laterza, 2004.

_____. *“Il Purgatorio di Dante”*. Milano: Biblioteca Universale Rizzoli, 1978.

SALINARI, RICCI. *“Storia della letteratura italiana”* (vol. I) Roma: Editori Laterza, 1973.

SAPEGNO, N. *“Disegno storico della letteratura italiana”* Firenze: La Nuova Italia, 1958.

SERMONTI, V. *“L’Inferno di Dante”*, a cura di Gianfranco Contini. Milano: Biblioteca Universale Rizzoli, 2007.

_____. *“Il Purgatorio di Dante”*, a cura di Gianfranco Contini. Milano: Biblioteca Universale Rizzoli, 2007.

_____. *“Il Paradiso di Dante”*, a cura di Cesare Segre. Milano: Biblioteca Universale Rizzoli, 2007.

VALLE, L. *“Il linguaggio segreto di Dante e dei Fedeli d’Amore”*. Firenze: FirenzeLibri S.r.l., 2008.

VANGELI, G. *“La Divina Commedia”*. Milano: Ulrico Hoepli, 1983.

VITALE, M. *“Antologia della letteratura italiana”*, “Il Duecento e il trecento”. Milano: Rizzoli Editore, 1965.

ZINGARELLI, N. *Storia Letteraria D’Italia, La Vita, i Tempi e le Opere di Dante*. Milano: Casa Editrice Dottor Francesco Vallardi, 1944.